

CORRENTES

Marcílio Moraes

PERSONAGENS

CICLISTA
ZOCA
SEBASTIÃO
JÚLIA
JOÃO
ALFREDO
MATILDE
ODETE
MENINA DE AZUL
PEDRINHO
JOSÉ
EMPREGADO
NARRADOR
JORNALISTA 1
JORNALISTA 2
JORNALISTA 3
DR. GUIMARÃES
GENERAL LOBATO
AUGUSTINHO

CENÁRIO

Não tem. Basta um piso elevado, circular, no centro do palco e a bicicleta do Ciclista, que poderá ficar num lugar fixo ou colocada sobre um elemento móvel, para facilitar suas entradas e saídas de cena. Os diversos elementos da cena poderão ser feitos com módulos apropriados.

NOTA

Com exceção do Ciclista, todos os demais personagens serão caracterizados por máscaras. Dessa forma apenas seis atores podem encenar a peça. Mas de acordo com a concepção do encenador e as possibilidades de produção, esse número poderá ser aumentado. No entanto, alguns papéis devem ser feitos pelo mesmo ator, por exigência mesma do texto. Como se segue:

1) Todos os papéis femininos devem ser feitos pela mesma atriz; os de Sebastião e João, pelo mesmo ator. Os demais podem variar. Os papéis de Zoca, criança e adulto, e de Pedrinho exigem atores de estatura e porte pequenos, a fim de evitar qualquer característica grotesca ou aspecto farsesco na representação.

- *A cena está totalmente escura. Um spot ilumina o CICLISTA, que pedala lenta e ritmadamente a bicicleta. Está em trajes esportivos: camiseta, calção, tênis. Tem o olhar sonhador e um suave sorriso de satisfação nos lábios.*

NARRADOR – *(Do fundo do palco, caminhando para o proscênio e sendo iluminado gradativamente. Dirige-se à platéia, indicando o CICLISTA.)* Ei-lo. Aparentemente um ciclista como outro qualquer. O movimento ritmado de suas pernas impulsiona o veículo, que desliza suavemente, em algum ponto deste imenso país. Mas reparem no seu olhar. Um sonhador? Um louco? A questão não nos interessa.

Importante seria assistir às cenas que aqueles olhos vêem no seu devaneio. Quem sabe aprenderíamos alguma coisa?

Nosso herói vem de uma pequena cidade do interior, onde é conhecido por Zoca. Mas aqui, onde está hoje, uma cidade bem maior que a sua, ninguém o conhece. É apenas um ciclista que realiza uma prova de resistência numa praça cercada por uma corda. Ele pretende ficar oito dias pedalando sem parar. Pedalando, pedalando, dia e noite, no pequeno círculo em que está confinado.

As regras são simples. Ele não pode parar de pedalar e se houver algum acidente só tem um minuto para se recompor. Mais que isso, estará desclassificado.

As pessoas que passam pela rua olham com desconfiança para ele. Algumas param, fazem comentários irônicos, riem. Uma ou outra lhe dirige alguma piada. O Ciclista parece não se incomodar. Continua pedalando, calmo, o olhar posta em algum mundo que os circundantes não vêem.

(Apaga-se a luz sobre o NARRADOR, que sai.)

CICLISTA – Imbecis. O que me importa o que pensem. Queria ver qualquer um deles aqui, em cima da bicicleta, fazendo o que eu estou fazendo. É sempre assim. Quando alguém quer fazer alguma coisa de grande, de importante, os imbecis riem. Mas eles não sabem que eu sou. Sou muito melhor que eles. Que que eles já fizeram na vida? Nada, nada. Sempre nessa mesquinha nessa vidinha sem futuro, que nunca vai mudar. Mas eu não. Eu não nasci pra isso. Meu destino é diferente. Eu sempre soube disso. Às vezes ficava achando que era maluco, que tinha que ser igual aos outros. Que igual aos outros! Então eu ia ser igual a eles? Nunca. O que me faltava era coragem. Eu tinha medo de seguir meu próprio destino. Mas no fundo eu sentia, sabia que um dia ia ter coragem. Que um dia eu ia largar aquela vidinha. E então sim. Ia poder ser eu mesmo. Agora eu vim. Estou aqui. E ninguém me segura mais. Cada minuto, cada segundo que passar, estou mais perto da vitória. E eu vou conseguir. Me sinto bem. As pernas estão firmes, nunca estiveram tão firmes. E dizer que ainda ontem eu estava em dúvida. Achava que não ia agüentar, que ia bancar o bobo. Como as pessoas se iludem com as próprias forças. Sempre fui forte, tive boa saúde. O que me faltava era estímulo. Aquele bêbado vivia dizendo que eu não ia dar pra nada, que era um maricas, que ia sempre ficar agarrado nas saias da mãe. Ficou de porre a vida inteira. E falava de mim. Que que ele fazia? Nunca foi homem pra nada. Só foi homem pra bater na mãe. Isso ele sabia fazer. Covarde. Mas pra que que eu estou pensando nisso? Isso já acabou. Eu agora estou partindo pra outra vida. Quero ver a cara deles quando eu voltar.

NARRADOR – *(Por trás do CICLISTA, mas sem aparecer.)* Mas você pensa nisso, você não pode esquecer.

CICLISTA – *(Como se respondesse a si próprio.)* Não. Eu não penso mais. Já esqueci aquilo. Não tenho nada a ver com eles.

NARRADOR – Você tem. Ainda está tudo ao dentro da tua cabeça. Cada palavra, cada ruído no escuro. Você não pode esquecer. Isso é você, ainda dói dentro de você.

CICLISTA – Não. Eu não lembro.

NARRADOR – Lembra. Já é noite alta. Você está deitado mas não dorme. Você tem medo. A qualquer momento ele pode entrar. E então vai tudo começar de novo. O mesmo inferno de sempre. Você se encolhe mais, cada vez mais.

(Apaga-se a luz sobre o CICLISTA e ilumina-se o piso elevado. ZOCA, criança, está deitado, encolhido. Ouvem-se o cricrilar de grilos e o coaxar de sapos. Após alguns momentos, atrás do piso, fora da cena uma porta é aberta violentamente, com estrondo. ZOCA se encolhe ainda mais. Ouvem-se passos pesados e inseguros. Um objeto de louça se espatifa no chão. A cada ruído, ZOCA estremece.)

SEBASTIÃO – *(Fora. Com voz de bêbado, gritando.)* Júlia! *(Mais alto.)* Júlia! Onde é que está você?

(Ouve-se alguém se levantando de uma cama de molas.)

JÚLIA – *(Fora.)* Pssst! Já vai. *(Ouve-se o ranger de uma porta.)* Não grita. Vai acordar o menino.

SEBASTIÃO – E ele por acaso é algum anjo que não pode ser acordado? Cadê a janta?

JÚLIA – Eu vou preparar.

SEBASTIÃO – Que que tem?

JÚLIA – Só tem sopa de legumes.

SEBASTIÃO – Você não comprou carne?

JÚLIA – Comprar com que? Você não deixou nem um tostão em casa.

SEBASTIÃO – *(Irritado.)* Comprava fiado.

JÚLIA – Que esperança!

SEBASTIÃO – Por que? Aquele merda daquele açougueiro não fia mais pra mim? Que que ele está pensando que é?

JÚLIA – Faz muito bem. Você não paga a ninguém mesmo.

SEBASTIÃO – Não começa a me provocar não. Esquenta essa sopa numa vez e some da minha frente, que eu hoje não estou bem não.

(Ouve-se alguém mexendo em panelas.)

JÚLIA – *(Baixo, em tom de resmungo.)* Hoje! Não está bom desde que a gente casou. Eu que fui burra mesmo.

SEBASTIÃO – Que que está resmungando aí? *(Ouve-se o ruído de uma cadeira caindo ao chão. Berrando.)* Você pára com isso, mulher. Não fica falando pelas costas não.

JÚLIA – Cala essa boca, desgraçado! Pelo menos respeita o teu filho que está dormindo.

SEBASTIÃO – Não fica falando pelas minhas costas não que eu te arrebento. Eu não gosto disso.

JÚLIA – Não gosta porque você sabe que todo mundo na cidade fala de você. E você não quer ouvir. Mas devia ouvir, pra ver se voltava a ter vergonha na cara.

SEBASTIÃO – Ah, sua vagabunda! *(Ouve-se o ruído de vários objetos caindo no chão e pessoas correndo.)* Eu te arrebento essa cara.

(Ouve-se o ruído de uma bofetada e alguém caindo ao chão. ZOCA se levanta, encolhido de medo, e se agacha na extremidade do piso elevado, como se escutasse atrás de uma porta. Há um longo silêncio. Por fim de ouvem suspiros de choro de mulher que vão se elevando gradativamente.)

JÚLIA – *(Chorando.)* Miserável! Covarde!

SEBASTIÃO – Cala a boca.

JÚLIA – Não calo não. Você desgraçou a minha vida, mas agora vai ter que ouvir, canalha.

SEBASTIÃO – Eu estou te avisando. Cala a boca.

JÚLIA – Você pensa que eu fico com você por gosto? Está muito enganado. Por mim já tinha ido embora há muito tempo.

SEBASTIÃO – Cala a boca.

JÚLIA – Só fico por causa do meu filho. Mas todo mundo diz que pra ele era melhor não ter pai, a ter um pai como você.

SEBASTIÃO – Ah, desgraçada! Quer dizer que enquanto eu estou trabalhando você anda aí de fuxico contra mim, não é?

(Ouvem-se passos e ruído de coisas caindo.)

JÚLIA – Me larga, covarde! Me larga!

SEBASTIÃO – Com quem é que você anda de mexerico? Fala!

JÚLIA – Eu não preciso andar de mexerico pra ouvir o que dizem de você. Até tua própria família fala que você é um bêbado inveterado.

SEBASTIÃO – Mentira! *(Ouve-se uma bofetada e o ruído de um corpo caindo ao chão.)* É você que vive enchendo a cabeça de todo mundo contra mim.

JÚLIA – *(Chorando.)* Pode me bater, seu covarde. Você faz isso porque é um fracassado, um bêbado que nunca deu pra nada na vida. Não precisa eu encher a cabeça de ninguém não.

SEBASTIÃO – *(Cheio de ódio.)* Cala a boca, sua puta!

JÚLIA – Todo mundo sabe o que você é. Você acha que a vizinhança não ouve os teus escândalos? Não vê você chegar bêbado todo dia em casa? Não sabe que a gente passa fome? Que o que você ganha não dá nem pra comprar roupa pro menino, tem que a minha irmã emprestar?

SEBASTIÃO – Ah, sua vagabunda!

(Ouvem-se bofetões, correria, gritos de mulher e coisas caindo.)

JÚLIA – Ai, ai! Pelo amor de Deus!

SEBASTIÃO – Vou te tapar essa boca suja pra sempre!

JÚLIA – Socorro!

(Os passos se aproximam de onde está ZOCA, que corre para o outro canto apavorado e se encolbe, num gesto de pavor. Entra JÚLIA correndo pelo lugar onde estava ZOCA. Está desgrenhada e com um fio de sangue escorrendo do lábio. Veste uma camisola até os pés. Corre para ZOCA e o abraça, como para defender-se e defende-lo. Logo em seguida entra SEBASTIÃO, cambaleante. Vai até o centro e para, arquejante, olhando para os dois.)

JÚLIA – Pelo menos tenha dó do seu filho. Ele não tem culpa. Olha como ele está assustado. *(Silêncio.)* Eu sei que você não tem mais respeito por nada. Mas ele é inocente.

SEBASTIÃO – Cala a boca! Até meu filho você quer jogar contra mim? Cachorra! *(Apontando para ela.)* Ela é falsa, meu filho. Ela quer te enganar. É ela que desgraça a minha vida, que fica dizendo pra todo mundo que seu pai não presta. Mas isso é mentira. Seu pai é bom. Quando você ver ela falando mal de mim, você vem me contar. Não fica do lado dela não. Fica do lado do seu pai.

JÚLIA – Não adianta querer enganar não. Ele sabe muito bem quem você é. Você pensa que ele não tem vergonha de você? Pois tem sim. Até no colégio a professora já falou. Disse pros outros meninos pra não andarem com ele. Que você era mau exemplo e ele ia ficara igual a você.

SEBASTIÃO – *(Partindo pra cima dela e tentando desvencilha-la do filho.)* Mentira! Larga ele. Larga. Ele é meu filho.

JÚLIA – *(Tentando retê-lo.)* Não. Solta. Solta ele, bêbado desgraçado. Maldito!

SEBASTIÃO – Larga!

(Consegue arrancá-lo dos braços da mãe. Esta imediatamente salta sobre ele.)

JÚLIA – Deixa o meu filho! Você vai matar ele.

SEBASTIÃO – *(Dando-lhe um safanão que a atira ao solo.)* Sai. *(SEBASTIÃO abraça-se a ZOCA, enquanto JÚLIA fica caída, chorando, olhando os dois desesperada.)* Não fica com medo não, meu filho. Papai está aqui com você. Você gosta do seu pai? Não liga pro que falam do seu pai não. É tudo mentira. Eles é que não valem nada. Um dia eu vou te levar embora daqui. Nós vamos pra outra cidade. Aí eu vou te dar uma porção de coisas. *(ZOCA soluça.)* Por que que você está chorando? Não precisa ter medo não. Amanhã vou trazer um presente pra você. Você quer? Responde. Não fica com medo não. Seu pai só estava brincando. Hem? Mamãe e papai não vão brigar mais não. Que que você tem? Por que está todo molhado? *(Começa a rir, numa tentativa patética e grotesca de desfazer a cena.)* Você se mijou? Mijou nas calças? *(Para JÚLIA.)* Está vendo, JÚLIA? Grande desse jeito, se mijou todo. *(Ri.)*

(Apaga-se a luz sobre o piso elevado e ilumina-se o CICLISTA.)

CICLISTA – *(Olhando pro lado.)* Que que aquele imbecil está rindo? Será que pensa que é muito bom? Coitado. Vai ver nunca fez nada que preste. É todo bonitinho. Olha só a roupa dele. Deve ser de família rica, senão não ia ter dinheiro pra comprar um sapato daqueles. Um filhinho de papai bobalhão. Isso que ele é. E pensa que é melhor que eu. Ah, ah, ah! Quería ver ele fazer o que estou fazendo. Oito dias na bicicleta. Oito dias, está ouvindo? Você não agüentava nem três horas. Ia logo cair pedindo penico. Era capaz de ficar três dias na cama sem conseguir nem mexer as pernas. *(Arremedando.)* “Ai minha perna. Eu não devia ter me metido”. Ah, ah, ah! Paspalhão, safado! Só porque tem dinheiro pensa que é melhor que os outros. Parece até o Pedrinho. Aquele era outro sacana. O garotão do Rio. Achava que porque morava no Rio era melhor que a gente. Viva gozando aqueles mocosongos lá da terra. Também, todo mundo puxava o saco dele. Não é pra menos. Todas férias ele chegava lá. Quando viam o casarão iluminado, ficava todo mundo com fogo no rabo. Parecia umas putas. Na rua só falavam nisso. *(Arremedando.)* “Doutor Raimundo já chegou. Veio mais cedo essa ano, né. Ano passado ele só veio depois do Natal”. Cambada! Vê se pode. Eles guardavam até o dia que o homem chegava. Tinha gente ali que era capaz de saber o dia que ele tinha chegado há quinze anos atrás. Carneirada! Doutor Raimundo. Doutor Raimundo. Um bom filho da puta que ele era, isso sim. E eles só faltavam lamber o saco dele. No outro dia de manhã já estava o Pedrinho fazendo aquela zoeira com a motocicleta pela cidade toda. Passava na disparada, quase atropelava aqueles mocosongos. E eles só faltavam pedir desculpas por estar na rua. Coitados. Pensando direito eu fico até com pena deles. Quando Pedrinho ficou meu amigo começaram a me tratar diferente. Vê se pode. Povinho hipócrita mesmo. E olha que eu nem dava bola pra ele. Cagava pra ele, pro pai dele. Achava que eu ia puxar o saco dele só porque era rico? Estava muito enganado. Tanto que foi ele que veio puxar conversa comigo. Deve ter percebido logo que eu não era igual aqueles mocosongos. A vida é assim. Se a gente não dá bola pros outros, eles então vêm procurar. Mesmo sendo rico, o que for. Ainda me lembro direitinho. Eu tinha ido levar o almoço do pai e estava voltando pela estrada. Daqui a pouquinho ouvi o ronco da motocicleta atrás de mim. Parou. Eu, nem é comigo. Continuei andando.

(Apaga-se a luz sobre o CICLISTA e ilumina-se o piso elevado. Entra ZOCA, adolescente, com uma marmitta embaixo do braço como se caminhasse no campo.)

PEDRINHO – *(Fora.)* Ei! Espera aí.

ZOCA – *(Pára e olha pra trás.)* Eu?

PEDRINHO – Claro. Tem mais alguém aqui? *(Entra PEDRINHO, com um capacete de motociclista.)* Você não é filho do Sebastião?

ZOCA – *(Intimidado e humilde.)* Sou.

PEDRINHO – Teu pai agora é empregado do meu.

ZOCA – *(Indicando a marmita.)* Eu sei. Fui levar almoço pra ele.

PEDRINHO – Como é teu nome?

ZOCA – Zoca.

PEDRINHO – Isso é nome de gente?

ZOCA – Todo mundo me chama assim. *(Olha para o fundo da cena, como se examinasse alguma coisa.)* Quantos quilômetros anda essa bicha?

PEDRINHO – Duzentos quilômetros.

ZOCA – *(Admirado.)* Duzentos quilômetros! Puxa! Pensei que só desse uns cem.

PEDRINHO – Você nunca andou numa dessas?

ZOCA – *(Hesita.)* Já. Eu tinha um amigo que tinha uma.

PEDRINHO – É? Como é que eu nunca vi nenhuma moto aqui?

ZOCA – Faz tempo. Às vezes eu ia com ele até lá em cima na cachoeira.

PEDRINHO – Quem era esse cara?

ZOCA – Meu primo.

PEDRINHO – E cadê ele?

ZOCA – Foi morar no Rio. Agora comprou uma motocicleta maior que a sua. Quando eu vou lá nós andamos aquilo tudo.

PEDRINHO – Você já foi no Rio?

ZOCA – Já, né. Vez em quando eu vou, com meu pai.

PEDRINHO – Que bairro você fica?

ZOCA – *(Perturbado.)* Não sei. Não lembro.

PEDRINHO – Não lembra? Você não disse que ando tudo por lá.

ZOCA – (*Agitado.*) Mas agora me esqueci. Eu tenho que ir embora. Minha mãe está esperando.

(*Começa a andar.*)

PEDRINHO – Espera aí. Monta aí que eu te levo.

ZOCA – Não posso.

PEDRINHO – Por quê?

ZOCA – Minha mãe não gosta que eu ande nessas coisas.

PEDRINHO – Mas você não andava com teu primo? Vem.

ZOCA – Ela zanga.

PEDRINHO – Você é bobo. Monta aí. Eu quero ser teu amigo. Não tenho nenhum amigo aqui. (*ZOCA se transforma, demonstrando animação.*) Você não quer ser meu amigo?

ZOCA – Nem te conheço ainda.

PEDRINHO – Não faz mal. A gente começa a se conhecer. Quem é teu melhor amigo?

ZOCA – Não tenho. Quer dizer, é meu primo. Mas agora ele foi pro Rio. Então agora não tenho nenhum amigo.

PEDRINHO – Então fica meu amigo. Amanhã você vai na minha casa. Tem umas coisas bacanas pra gente fazer lá.

ZOCA – Tenho que falar com minha mãe primeiro.

PEDRINHO – Deixa que eu falo. Então? Vamos ficar amigos?

ZOCA – Valeu.

PEDRINHO – (*Estendendo-lhe a mão.*) Então bate aqui. (*ZOCA, no auge da felicidade, aperta-lhe a mão.*)

(*Apaga-s a luz sobre o piso elevado e ilumina-se o CICLISTA.*)

CICLISTA – Amigo. Ram! Amigo. Pensa que eu caí naquela. Conheço essa gente. Fiquei logo de pé atrás. Sabia que mais cedo ou mais tarde ele ia querer tirar onda pra cima de mim. Safado! Mas agora ele vai ver meu nome nos jornais. Quando eu vencer minha fotografia vai sair em tudo que é lugar. Então ele vai saber. Vai saber quem sou eu. (*Arremedando.*) “Puxa, o ZOCA agora está famoso. Quem diria, hem?” Ele vai ver. Ele vai ver. Na certa vai querer me procurar. Dizer pra todo mundo que é meu amigo. Mas deixa ele. Ele que venha me procurar pra ver o que é bom. (*Olha para o lado, animado.*) Olha aquela menina de azul ali outra vez. Ela voltou. Eu sabia. De manhã quando ela esteve aqui eu vi que ela estava em olhando. Olha. Quando eu vencer então imagina como ela vai me olhar. Aí eu vou falar com ela. Vou até levar ela pra passear lá na terra. Quero ver a cara daqueles mcorongos quando eu passar com ela na praça. É capaz até do Pedrinho estar lá. Aí ele

vem falar comigo todo sorridente, todo gentil. Mas eu nem nada. (*Empostado.*) “Como vai, Pedro. Lembranças a seu pai. Outro dia eu converso com você. Agora nós temos de fazer compras”. Ah, ah, ah! Quero ver a cara dele. Vai ficar igual um bobalhão do meio da rua. Amigo... Pensa que eu fui naquela.

NARRADOR – (*Fora.*) Mas no dia que vocês se conheceram você nem conseguiu dormir de felicidade. A noite inteira fazendo planos pro dia seguinte. Toda hora levantava pra ver se o dia já estava nascendo.

CICLISTA – (*Como se falasse consigo próprio.*) Não é verdade. Eu dormi. Um pouco mas eu dormi. Só estava curioso pra saber como era a casa dele. Pra ele eu nem estava ligando.

NARRADOR – Você disse pra tua mãe que ele era o primeiro amigo que você tinha.

CICLISTA – (*Exasperado.*) Eu disse. Mas não era o que eu sentia.

NARRADOR – Você nunca ficou tão feliz como naquelas férias. Até tua mãe comentou. Ele era teu amigo. O primeiro amigo que você tinha. Você vivia imaginando uma maneira de provar tua amizade a ele.

CICLISTA – Mas não contei. Ele não ia entender. Porque ele era um filho da puta.

NARRADOR – Mas você pensava que ele era teu amigo. Teu único amigo.

CICLISTA – Pensava mas não era. Eu queria que ele tivesse sido meu amigo mas não foi. Ele era um safado. Mas agora ele vai se arrepender. Eu vou vencer e meu nome vai aparecer nos jornais. E então ele vai saber. Ele não era meu amigo. Nunca foi. A gente tinha combinado de fazer piquenique na cachoeira. Eu saí cedinho de casa. A mãe fez uma porção de coisas pra gente comer. Ainda disse pra eu dar os melhores pra ele. Também a culpa era dela. Era ela que ficava puxando o saco dele. Só faltava dar pra ele. Quando cheguei na casa dele ele estava sentado no portão, com a espingarda de ar comprimido.

(*Apaga-se a luz sobre o CICLISTA e ilumina-se o piso elevado. PEDRINHO está sentado com uma espingarda de ar comprimido. Arma-a, aponta para o alto e atira. Entra ZOCA, adolescente, com um embornal a tiracolo. Tem maneiras alegres e descontraídas.*)

ZOCA – (*Olhando na direção em que PEDRINHO disparou.*) Acertou?

PEDRINHO – O danado pulou bem na hora que eu atirei.

ZOCA – Que que era?

PEDRINHO – Pardal.

ZOCA – Você já está pronto? Vamos senão o sol esquenta.

PEDRINHO – Estou esperando uns amigos que chegaram ontem. Estão num lugar aqui perto.

ZOCA – Vieram do Rio?

(PEDRINHO arma a espingarda, aponta para o alto e atira. ZOCA segue-lhe os movimentos.)

PEDRINHO – Dessa vez quase que eu peguei. Viu?

ZOCA – Passou raspando. *(PEDRINHO arma a espingarda de novo.)* Deixa eu dar um.

PEDRINHO – *(Procurando novo alvo para atirar.)* Não.

ZOCA – Só um.

PEDRINHO – Não. *(ZOCA, sem graça, senta-se. PEDRINHO aponta e atira.)* Acertei. *(Levanta-se, animado.)* Pega lá. *(ZOCA se levanta, sai correndo do piso elevado e volta com um passarinho morto na mão. Mostra-o a PEDRINHO que o examina sem pega-lo.)* Em cheio, hem.

ZOCA – Coitado. Ainda era filhote.

(PEDRINHO senta-se, satisfeito e arma a espingarda. ZOCA continua de pé, olhando para ele, com o passarinho na mão.)

ZOCA – Eles vão com a gente?

PEDRINHO – *(Continuando a mexer na espingarda.)* Quem?

ZOCA – Seus amigos.

PEDRINHOS – Eu vou com eles. Eles vão passar aqui de jipe pra me pegar.

ZOCA – A gente não ia a pé?

PEDRINHO – Ia. Mas eu vou de jipe.

ZOCA – E eu?

PEDRINHO – Não tem lugar pra você. O pai deles que vai levar a gente. O jipe já vem cheio. *(Ouve-se o ruído de um jipe se aproximando. PEDRINHO se levanta, animado.)* Olha eles aí.

(Corre para o fundo do palco e sai. ZOCA o acompanha com o olhar. Depois fica pensativo, contemplando o passarinho morto. Guarda-o cuidadosamente no embornal e caminha, cabisbaixo, na direção oposta à que saiu PEDRINHO. Apagam-se as luzes sobre o piso elevado e ilumina-se o CICLISTA.)

NARRADOR – *(Fora.)* Mentira! Não foi nesse dia que você descobriu que ele não era teu amigo. Nessa vez você perdoou. Você mesmo inventou as desculpas pra ele. Ele ainda era o teu amigo. O teu único amigo.

CICLISTA – Eu era bobo. Era criança. Depois que fiquei esperto. Sacana! Pensava que era o bom só porque tinha dinheiro. O garotão do Rio. A mim ele nunca enganou.

NARRADOR – Era o teu amigo. Até quando você estava sozinho você imaginava conversas com ele. Achava que ele ia te convidar pra passar um mês na casa dele no Rio. Você achava que ele gostava muito de você, que te achava bacana, diferente daqueles mocosongos da terra.

CICLISTA – (*Exasperado.*) Mentira! Depois daquele dia eu não liguei mais pra ele. Ele ainda me procurou mas eu não dei bola. No fim das férias ele foi embora. Nunca mais falei com ele.

NARRADOR – Você é igual a eles. Não tem nem coragem de se lembrar como era bobo. Você gostava do Pedrinho. Era o amigo que você sempre sonhou. Você pensava que ele era diferente, que não era igual aos outros.

CICLISTA – Eu pensava mas ele não era. Era igual aos outros. Só tinha dinheiro.

NARRADOR – Já fazia mais de quinze dias que ele não te procurava. Naquela tarde a motocicleta parou na porta. Teu coração até pulou de alegria. Ele te chamou pra ir dar uma volta. Ele estava diferente, tinha um jeito estranho de falar. Mas você não ligou. Você estava feliz. Ele foi pro alto da colina. Vocês saltaram e ficaram olhando a cidade lá embaixo.

(Apaga-se a luz sobre o CICLISTA e ilumina-se o piso elevado. ZOCA, adolescente, está deitado, com as mãos atrás da cabeça. PEDRINHO anda de um lado para outro – pode-se acentuar as características expressionistas, deformando sua máscara, que fica parecia com a do pai. De vez em quando pára e olha o corpo de ZOCA por inteiro.)

PEDRINHO – (*Sentando-se ao lado de ZOCA.*) Você já viu alguma mulher nua?

ZOCA – (*Olha para ele, depois olha para o outro lado.*) Já. Tem uma vizinha lá de casa que eu vejo ela tomar banho.

PEDRINHO – Como?

ZOCA – Subo no muro, aí dá pra ver o banheiro dela.

PEDRINHO – E ela não te vê?

ZOCA – Vê. Mas nem liga. Um dia até me chamou pra ir lá.

PEDRINHO – Você foi?

ZOCA – Fui, né. Ela tem um bundão enorme. Deixou eu passar a mão e tudo.

PEDRINHO – (*Levantando-se irritado.*) Mentira tua. Tudo que você fala é mentira. (*ZOCA ergue a cabeça, surpreso.*) Toda aquela história do teu primo que tinha motocicleta, é tudo mentira. Você nunca foi no Rio. Eu perguntei pro teu pai e ele disse que é tudo mentira.

ZOCA – (*Levantando-se.*) Você não perguntou nada ao meu pai. Senão ele tinha me falado.

PEDRINHO – Todo mundo diz que você é mentiroso.

ZOCA – Quem que diz?

PEDRINHO – O filho do Seu Mane disse que você é veado. Que um dia ele te deu uma rolimã e você deu pra ele.

ZOCA – Mentira dele.

PEDRINHO – Todo mundo diz que você é veado.

ZOCA – É mentira. Você está inventando.

PEDRINHO – (*Noutro tom.*) Se você me der a bunda eu te dou uma bicicleta que tenho lá em casa.

ZOCA – (*Ofendido.*) Eu não sou veado.

PEDRINHO – Você não quer uma bicicleta? Você nunca vai ter uma. Teu pai não tem dinheiro pra te dar.

ZOCA – Por que que você está fazendo isso? Você é meu amigo.

PEDRINHO – Se você é meu amigo então me dá.

ZOCA – Se você continuar falando assim vai levar uma porrada.

PEDRINHO – Porque que você não quer me dar? Você é veado.

ZOCA – (*Exasperado.*) Pára com isso!

PEDRINHO – Se você não me der eu vou falar com meu pai pra mandar o teu pai embora. Aí você vai ver.

ZOCA – (*Aproximando-se dele, ameaçador.*) Pára com isso, eu já avisei.

PEDRINHO – (*Recuando.*) Você vai ver. Eu vou falar com meu pai e amanhã ele vai mandar teu pai embora. Você vai levar a maior surra. Vou inventar uma história danada.

(*PEDRINHO sai. ZOCA fica imóvel. Apaga-se a luz sobre o piso elevado e ilumina-se o CICLISTA.*)

CICLISTA – Aquele bêbado miserável nem me perguntou o que que aconteceu. Eu tinha dado banho no Rex, estava dentro de casa enxugando ele.

(*Ouve-se uma porta abrir-se com violência ao fundo e passos inseguros.*)

SEBASTIÃO – (*Fora.*) Zoca! Zoca! Onde é que está esse desgraçado? Ah, você está aí, não é, praga!

(*Ouvem-se vários bofetões.*)

JÚLIA – Que que é isso, meu Deus? Que que foi?

SEBASTIÃO – Fui despedido por causa desse desgraçado. (*Mais bofetões.*) Que que você andou fazendo, praga?

(*Mais bofetões.*)

CICLISTA – Covardel! E a mãe ainda ficava com aquele filho da puta. Não sei porque não largava ele. Deixava ele morrer bêbado na rua igual um cão danado. Mas ela ficava. Acho que tinha pena dele. Ter pena dum miserável daqueles. Mas agora eu me libertei disso tudo. Daqui de cima vou sair pra glória, meu nome nos jornais. Nunca mais aquela vida mesquinha. Nunca. Nunca!

(Ilumina-se o NARRADOR, no proscênio.)

NARRADOR – E a noite volta a cair. Ele já completou suas primeiras vinte e quatro horas na bicicleta. As ruas agora estão desertas. A cidade dorme. Mas o ciclista continua fazendo seus círculos, intermináveis círculos em busca da glória.

CICLISTA – Já não tem mais ninguém olhando. Deve ser tarde. Bom. Quanto mais tempo passar, melhor. Mais perto eu estou da vitória. A Menina de Azul. Nem vi quando ela foi embora. Fico pensando nessas bobagens, não prestei atenção. Mas amanhã ela volta. Isso não tem nem dúvida. Pelo jeito que ela me olhou sou capaz de apostar qualquer coisa. Quero ver a cara deles quando eu aparecer lá de braços dados com ela. *(Ilumina-se o piso elevado. Entra ZOCA, adulto, muito empertigado, de braços dados com a Menina de Azul. Os dois caminham como se passeassem por uma praça, observando as coisas, fazendo um ou outro cumprimento.)* Vai ficar tudo de queixo caído. Até Seu João filho da puta vai vir na porta da loja olhar. *(Arremedando.)* “Olha, quem diria, hem? E eu que dizia que ele era um bobalhão, hem.” *(Gritando.)* Está vendo agora, cachorro? Aprendeu? E minha fotografia nos jornais, hem, hem? Qual foi a cara que você fez, hem, safado? *(Arremedando.)* “Oh, oh! É ele mesmo”. E a moçada na praça tudo me olhando. Mas eu nem te ligo. *(Arremedando.)* “Que mulher, hem! Será que é artista de televisão?” Ah, ah, ah! Eles nunca viram uma mulher igual. *(Gritando.)* Isso é que é mulher, está vendo? Isso é que é ter classe. Não é igual essas murrinhas daqui não. Aí vem Dona Odete com o juiz de braço dado. O Juiz: *(Arremedando.)* “Não é aquele rapaz que estava no jornal?” Aí dona Odete me olha com aqueles olhos cheios de desejo. Mas eu nem nada. *(Gritando.)* Agora está me olhando, não é? Mas antes quando entrava na loja parecia que nem me via. Agora dane-se. Vai dormir com o teu juizinho brocha, vai. Ah, ah, ah! Aí a gente chega em casa, eu sento na poltrona. *(ZOCA senta-se e a Menina de Azul vem se postar atrás dele, em pé.)* A Menina de Azul vem me fazer massagem, cafuné. *(A Menina de Azul massageia os ombros de ZOCA suavemente.)*

MENINA DE AZUL – Está muito cansado, querido. *(O CICLISTA faz cara de prazer, os olhos semicerrados, e vai aos poucos diminuindo o ritmo das pedaladas.)*

ZOCA – Muito cansado, meu bem. É o pescoço que dói mais.

MENINA DE AZUL – Então deixa eu fazer uma massagem nele. *(Massageia com gestos sensuais o pescoço dele.)* Está melhorando?

ZOCA – Está. Estou quase dormindo. *(O CICLISTA já tem os olhos fechados e está quase parando de pedalar.)*

MENINA DE AZUL – Então dorme. Agora você já pode dormir. Eu estou aqui com você. Dorme. Dorme.

(O CICLISTA pára de pedalar, a bicicleta se desequilibra e cai. Imediatamente a luz se apaga sobre o piso elevado. O CICLISTA se sobressalta. Entra JOSÉ correndo e o ajuda a recompor-se.)

JOSÉ – *(Ajudando-o a levantar-se.)* Que que foi?

CICLISTA – Depressa, senão passa um minuto. Vê o pedal se está bom, se não voltou a corrente.

JOSÉ – *(Abaixando e examinando.)* Não. Está tudo em ordem.

(O CICLISTA volta a pedalar. JOSÉ fica do seu lado, correndo parado, como para acompanhá-lo.)
Você dormiu?

CICLISTA – Acho que pestanejei um pouco.

JOSÉ – Precisa tomar cuidado. De noite assim é **espeto**.

CICLISTA – Pode deixar que agora eu me agüento. Me arranja um pouco de laranjada. Estou com a boca seca. *(JOSÉ se afasta e volta com uma garrafada que dá ao CICLISTA. Ele bebe avidamente.)* Ah! Isso é bom. Ajuda a reanimar.

JOSÉ – Que que eu te jogue um pouco de água na cabeça?

CICLISTA – Não precisa. Já estou em forma outra vez. Pode ir.

JOSÉ – Agüenta firme. Os primeiros dois dias são os piores. Depois o corpo engrena e aí vai até o fim.

CICLISTA – Pode deixar. Daqui eu só saio no oitavo dia. *(JOSÉ sai.)* Esse aí é outro que nunca vai fazer nada que preste, vai morrer plantado no chão igual bananeira. Só veio porque eu dei dinheiro a ele, fosse pra me ajudar, pra fazer alguma coisa de importante na vida, ele não vinha. Bela merda! Mas quando eu vencer vai ficar me puxando o saco, querendo aparecer nas fotografias também. Mas o repórter vai ver logo que ele não é nada. *(Arremedando.)* “O senhor quer chegar pra lá, por favor, que eu quero tirar a fotografia dele sozinho”. Ah, ah, ah! Vai ficar de rabo entre as pernas. Mocorongo! Agora você está rindo por trás de mim, né? Depois vamos ver quem é o bom. *(Olhando para cima, piscando muito.)* Parece que estas luzes estão piscando. Por que será? Não, não estão piscando. É impressão minha. Não podem estar piscando. Sou eu que estou com sono. Ah, meu Deus! Tenho que fazer alguma coisa. Essas horas é que são as piores. Está tudo muito quieto. Não tem ninguém na rua. Isso que dá sono. Mas parece que esta praga está mesmo piscando. Besteira, rapaz. Isso é sono. Preciso reagir. Daqui a pouco o dia vai nascer. Então vai ficar cheio de gente na rua. Aquela barulheira, igual na festa de São Pedro. Aqueles olhos grandes me olhando rindo. Aquela risada de puta. Eu devia ter desconfiado logo. Mas não. Cáí igual um bobo. Pensando que ela era igual a mim. Puta descarada!

(Apaga-se a luz sobre o CICLISTA e ilumina-se o piso elevado. Ouve-se a música própria de festas de barraquinha e parques de diversão. ZOCA, adulto, está frente a um balcão. Faz um gesto de irritação, como se tivesse errado alguma coisa. Passa uma bola de meia que tinha na mão esquerda para a mão direita. MATILDE está próxima a ele, observando-o, e dá uma gargalhada quando ele faz o gesto de irritação, ZOCA olha para ela irritado e prepara-se para atirar a bola. Atira-a para o fundo e ouvem-se latas caindo.)

ZOCA – Essa sim! Derrubei todas.

MATILDE – (*Batendo palmas.*) Muito bem. É o campeão.

ZOCA – Por que que você está rindo de mim? Eu não te conheço.

MATILDE – Mas eu te conheço.

ZOCA – É. E quem sou eu?

MATILDE – Você é o campeão de tiro-ao-alvo da festa de São Pedro. (*Dá uma risada.*)

ZOCA – Eu não gosto que riam de mim não.

MATILDE – Você ficou zangado comigo?

ZOCA – Não. Com você não. Mas não se deve rir dos outros.

MATILDE – Então eu não rio mais, tá.

ZOCA – Então ta. Você é de fora?

MATILDE – Eu? Quem dera. Moro aqui desde que nasci.

ZOCA – E como é que eu nunca te vi?

MATILDE – E tinha que ver? Tem tanta gente nessa terra.

ZOCA – É. Mas a gente sempre se vê. Passa na rua e vê.

MATILDE – Eu não. Nunca saio de casa. Meu pai não deixa.

ZOCA – Então como é que saiu hoje? Pulou a janela? (*Ri.*)

MATILDE – Não, bobo. Ele foi viajar.

ZOCA – E tua mãe?

MATILDE – A mãe morreu faz tempo.

ZOCA – Hum! Que pena.

MATILDE – A vida é assim mesmo. Pra morrer é só estar vivo. (*Ri. ZOCA acompanha.*)

ZOCA – Vamos dar uma volta de roda gigante?

MATILDE – Eu? Não entro naquilo nem morta.

ZOCA – (*Rindo.*) Você tem medo? Não tem perigo não.

MATILDE – Não tem, hem. Aquilo solta lá de cima. Deus me livre.

ZOCA – Quer um saco de pipoca?

MATILDE – Agora não. Quero sentar. Estou cansada.

ZOCA – (*Apontando.*) Ali tem um banco, olha. (*Os dois sentam-se.*) Gozado as coisas, né?

MATILDE – Que?

ZOCA – A gente se conhecer assim. Ainda nem sei teu nome.

MATILDE – Matilde.

ZOCA – Matilde. Nome bonito.

MATILDE – Cruz. Não gosto desse nome.

ZOCA – Eu gosto.

MATILDE – Qual o seu?

ZOCA – Todo mundo me chama de Zoca.

MATILDE – Zoca? Que gozado. (*Pausa.*) Que que você faz?

ZOCA – Por ora trabalho na sapataria do Seu João. Mas é só por uns tempos, sabe. Minha idéia é ir morar no Rio. Isso aqui não dá futuro não. Sabe o doutor Raimundo?

MATILDE – Quem não sabe?

ZOCA – Pois é. O filho dele, o Pedrinho, é muito meu amigo. Então vive insistindo pra eu ir pro Rio. Vez em quando eu vou lá passar uns tempos, sabe. Aquilo que é terra. Não é essa vidinha daqui não.

MATILDE – Você já foi no Rio, é?

ZOCA – Iiii! Quantas vezes. Conheço aquilo tudo lá. Eu tenho um primo lá que tem uma motocicleta. Ele sempre me empresta, eu ando aquilo tudinho lá.

MATILDE – Você foi em Copacabana?

ZOCA – Se fui. Pois a casa que eu fico lá é bem de cara pra praia. É uma beleza. Você nem imagina. De manhã cedinho a praia fica cheia de pescador vendendo peixe. Vem gente de todo lugar comprar. Peixe fresquinho.

MATILDE – Você deve ter uma porção de namorada lá.

ZOCA – Que nada. As meninas lá não são como as daqui não. Aquilo você sai um dia e pronto. E é só o que elas querem também. Eu vou. Mas eu sou homem, você sabe. Homem faz essas coisas mesmo. Agora pra casar, pra ter família aquelas minas não prestam não.

MATILDE – E aqui, você tem namorada?

ZOCA – Namorada não tenho. Tenho um assunto aí. Mas isso é coisa de homem. Não posso falar não.

MATILDE – Ah, conta pra mim. Não falo pra ninguém não.

ZOCA – Não posso. É uma dona conhecida aí. Iiii! Deixa pra lá. Isso dá uma confusão danada.

MATILDE – Ah, conta. Você não tem confiança em mim?

ZOCA – Não é caso de confiança. É que eu não posso. Jurei pra ela que não contava.

MATILDE – Dá só uma pista.

ZOCA – Você conhece ela.

MATILDE – Eu conheço? Deixa eu pensar.

ZOCA – Todo mundo na cidade conhece.

MATILDE – Eu vou descobrir. Você vai ver.

ZOCA – Isso que eu duvido.

(Ouve-se o badalar de um relógio de torre.)

MATILDE – (Assustada.) Chiii! Meu Deus! Que horas são?

ZOCA – Está dando dez horas.

MATILDE – (Levanta-se.) Eu tenho que ir. Meu pai já deve estar chegando.

ZOCA – (Levanta-se.) Quer que eu te leve em casa?

MATILDE – Melhor não. Meu pai pode te ver.

ZOCA – Eu me escondo.

MATILDE – Então vem. Mas depressa.

(Os dois saem. Apaga-se a luz sobre o piso elevado e ilumina-se o CICLISTA.)

CICLISTA – O pai dela não tinha chegado. Fomos pro fundo do quintal. Ela deixou eu fazer tudinho. Botei aqueles peitão pra fora e caí de boca. Como era gostosa a desgraçada. *(Arremedando.)* “Ai! Não faz. Não sou disso não. Sou moça direita.” Piranha! Enfiei a mão nas coxas dela a danada só faltou pular. *(Arremedando.)* “Ai! Ai!” Só não deixou eu botar dentro. O resto fiz tudinho. *(Arremedando.)* “Olha meu pai chegando. Vai embora. Pula o muro”. Saí igual cachorro escorraçado pelo mato. Cheguei em casa com o coração pulando. Nem dormi aquela noite. Estava mesmo gamado. Vagabunda! Depois fazer aquilo. Eu que sempre fui bobo mesmo. O amor da minha vida. Puta descarada! E todo mundo dizendo: *(Arremedando.)* “Casa com ela. Tão boa moça. Agora você já tem um emprego de futuro”.

Emprego de futuro! Trabalhar na loja do (*Arremedando.*) “Seu João”. Vê lá se eu ia me passar, ficas ali a vida inteira me agachando igual um macaco. Será que eles não viam que eu era diferente? Que nasci pra fazer grandes coisas? Não foi pra ficar secando aquela terra desgraçada? E a mãe se humilhando perto daquele filho da puta pra ele me arranjar emprego. Cachorro!

(*Apaga-se a luz sobre o CICLISTA e ilumina-se o piso elevado. SEU JOÃO está parado na extremidade do piso, com as mãos para trás, como se estivesse na porta da loja, apreciando o movimento na rua.*)

JOÃO – (*Recuando e fazendo uma mesura.*) Boa tarde, dona Júlia. Vamos entrando. (*Entra JÚLIA, seguida de ZOCA, adulto.*)

JÚLIA – Boa tarde, Seu João. Como tem passado?

JOÃO – Bem, graças a Deus.

JÚLIA – E dona Maninha?

JOÃO – Sempre com aqueles probleminhas. Coitada. A saúde ali já se foi embora. É um caso sério, dona Júlia.

JÚLIA – Que que se há de fazer, né.

JOÃO – Mas vamos sentar.

JÚLIA – (*Senta-se.*) Obrigada.

JOÃO – O que vai ser? Um sapatinho para a senhora ou para o rapaz? (*Afastando-se, como se fosse pegar alguma coisa.*) Recebi uns modelos muito confortáveis, e baratinhos.

JÚLIA – Não precisa se incomodar, Seu João. (*Hesita.*) Nós estamos aqui por outros motivos.

JOÃO – Ah, sim. E do que se trata?

JÚLIA – Eu soube que o senhor mandou aquele rapazinho que trabalhava aqui embora.

JOÃO – É verdade.

JÚLIA – Aí eu pensei que talvez o Zoca pudesse ficar no lugar. O senhor sabe, não é. Ele já está um homem. Precisa trabalhar. (*João fica em silêncio, coçando o queixo e sacudindo a cabeça.*) Nossa situação está muito difícil.

JOÃO – Eu estou inteirado. Seu marido, não é mesmo? Um caso triste. Um caso muito triste. Sebastião me dá muita pena. Às vezes eu passo na rua e ele está caído num canto. É muito triste, dona Júlia. Eu compreendo o seu problema. A bebida é o pior dos vícios. Corrói todos os valores morais do homem.

JÚLIA – É isso mesmo, Seu João. (*Contendo o choro.*) O senhor não pode imaginar a luta que tem sido a minha vida. Já fiz tudo pra ele parar de beber. Mas o vício é muito forte, Seu João. Parece uma maldição, que Deus me perdoe.

JOÃO – Eu entendo. Eu entendo. O vício é como um abismo. Quando se cai nele, não há mais salvação.

JÚLIA – Pois é. Foi por isso que eu vim aqui pedir ao senhor pra colocar o rapaz. Ele não pode mais ficar assim, sem trabalhar, sem fazer nada o dia todo.

JOÃO – Ele não está estudando?

JÚLIA – A muito custo consegui terminar o ginásio. Mas não dá mesmo pros estudos. Deus sabe que eu fiz tudo que estava ao meu alcance. Mas não adianta. Quantas vezes esse menino perdeu o ano, meu Deus? Agora ele tem que trabalhar. Não pode mais ficar assim.

JOÃO – (*Após alguns instantes pensativo.*) Dona Júlia, a senhora me põe numa situação difícil. Não é que eu tenha nada contra a senhora ou contra o rapaz. Tenho de zelar pelo nome da loja. Esses problemas de família são muito delicados. O filho acaba levando a fama do pai. Às vezes injustamente, eu sei. Mas o que que eu posso fazer? Também tenho os meus problemas.

JÚLIA – Mas ele não é como o pai, não, seu João. O senhor pode ficar certo disso. Esse menino nunca pôs uma gota de álcool a boca. Isso eu posso garantir.

JOÃO – Mas quem pode dizer... No futuro. A senhora sabe, eu tenho algumas leituras. Não sou homem letrado. Mas tenho minhas leituras. E esses problemas... Na maioria dos casos... São hereditários. Uma coisa triste, mas científica.

JÚLIA – Não vai acontecer isso, Seu João. Sou eu quem diz. Zoca é completamente diferente do pai. É obediente, sério, o senhor vai ver. Dá essa oportunidade a ele, Seu João. Eu sei que o senhor é uma alma boa.

JOÃO – É uma decisão de responsabilidade. Vou ser muito sincero com a senhora. Não fosse a senhora estar me pedindo pessoalmente, eu não tinha dúvida. Nem pensava no assunto. Porque Dona Júlia, a senhora pode estar certa. Empregado nenhum vale nada. Eu já estava resolvido a não ter mais empregado. A senhora imagina que o rapaz que estava aqui, com aquela carinha de inocente, me furtou. Furtou descaradamente. Onde é que nós vamos parar? Me roubou três sapatos. E não era coisa vagabunda não. Calçados de fino acabamento. Então a senhora já vê que eu tenho razão para estar com a pulga atrás da orelha. Não se pode mais confiar em ninguém.

JÚLIA – Mas Zoca nunca ia fazer uma coisa dessas, Seu João. Pela alma de minha mãe. Um filho meu seria incapaz duma coisa dessas.

JOÃO – Não. Não me leve a mal, dona Júlia. Pelo amor de Deus. Não estou dizendo que seu filho seria capaz disso. Longe de mim. Eu conheço a senhora há tanto tempo. E vou lhe dizer com o coração na mão. Sua situação me causa muito pesar. Mas é. A senhora não merece isso. Uma mulher fina, educada, bonita. Não é pra levar uma vida dessas.

JÚLIA – Todos nós temos a nossa cruz, Seu João.

JOÃO – É verdade. Não nego. Mas a sua tem sido pesada demais. (*Olha para ZOCA, que permanece cabisbaixo.*) Rapazinho, vai até lá fora que eu quero conversar com sua mãe.

JÚLIA – Vai, meu filho. (*ZOCA vai postar-se onde estava JOÃO. Fica cabisbaixo, mas procura esticar o corpo para ouvir a conversa.*)

JOÃO – (*Sentando-se ao lado de JÚLIA.*) Assim podemos falar mais à vontade. Mas como eu dizia, dona Júlia. Sua cruz tem sido pesada demais. E isso me corta o coração, por Deus. Às vezes até de noite, em casa, eu fico pensando. A Júlia precisava de uma pessoa que fosse um amparo pra ela. Que desse a ela aquilo que o ébrio – desculpe a expressão, mas a palavra é essa mesma, ébrio – aquilo que o ébrio do marido não está em condições de dar. E agora que a senhora veio aqui eu quero que a senhora fique certa que tem em mim um amigo. Quando precisar, venha me procurar. Venha assim no fim da tarde, quando já não tiver ninguém aqui. E desabafe seu coração. Eu quero ajudar a senhora. Mesmo algum problema material que seja. A senhora sabe, eu tenho uma situação de vida segura. Posso fazer isso.

JÚLIA – (*Sem graça.*) Eu agradeço muito, Seu João. Mas se o senhor empregasse o rapaz, isso já seria o bastante pra mim.

JOÃO – Não precisa se acanhar. Falo na melhor das intenções. Pode recorrer a mim. Isso ficará só entre nós.

JÚLIA – Eu agradeço, Seu João. Mas o que que o senhor me diz do rapaz?

JOÃO – É um caso sério. Um caso muito sério. Enfim, como é a senhora que pede, eu vou dar uma oportunidade a ele. Vamos fazer uma experiência.

JÚLIA – Tenho certeza que o senhor não vai se decepcionar, Seu João.

JOÃO – Deus queira. Vamos ver se com isso nós conseguimos salvar o rapaz do caminho maldito que o pai abriu pra ele.

JÚLIA – Eu fico muito grata, Seu João. O senhor não sabe o peso que o senhor me tirou do coração.

JOÃO – Eu posso imaginar. Agora, assim como eu depus toda a confiança na senhora, espero que a senhora também tenha confiança em mim. Venha aqui num fim de tarde desses. Assim lá pelas sete horas. Basta passar aqui cedo e avisar: eu venho hoje. Que eu espero. Tenho certeza que isso vai fazer muito bem pra senhora. Sou um homem de experiência. Posso dar muitos conselhos.

JÚLIA – (*Levantando-se, evitando o olhar dele.*) O rapaz pode começar quando, Seu João?

JOÃO – Amanhã mesmo. Se tem que ser, que seja logo.

JÚLIA – E o ordenado, Seu João?

JOÃO – Isso depois nós vemos. Quando a senhora vier aqui nós discutimos isso com calma. (*Ela sacode a cabeça, olha para o chão e se dirige para onde está ZOCA.*) Ô rapaz. (*ZOCA*

volta-se para ele.) Quero você amanhã Às sete horas. Ouviu? Não vá me chegar atrasado logo no primeiro dia. Bem vestido, limpo e de sapato engraxado. A boa aparência aqui é muito importante. *(Os dois saem. JOÃO fica coçando o queixo.)* Hum!

(Apaga-se a luz sobre o piso elevado e ilumina-se o CICLISTA.)

CICLISTA – Limpo... Cachorro! Como se eu não tomasse banho. Que que ele pensa que é? Só porque tem uma merda numa sapataria daquelas. Grande merda. Achava que era muito importante. Que podia cagar na minha cabeça. Mas ele me paga. Depois que eu vencer, quando ele vier falar comigo, ele vai ver. Ele vai ver que é que é merda. E a mãe fazer um papel daqueles. Nunca pensei. Eu por mim não tinha ido. Chegava lá no outro dia, agarrava ele pela camisa e dizia, cuspidando na cara dele: escuta aqui, seu safado, que que você pensa que minha mãe é, hem? Ela não é puta de zona não, seu cachorro! Sacudia ele e jogava em cima daquela merda daqueles sapatos. Se tu olha mais pra ela eu te mato. Está ouvindo? Por mim tinha acabado com a história aquele dia mesmo. Mas o bêbado... Como é que pode ser tão burro? Será que ele não via? Também sempre bêbado, como é que podia ver alguma coisa. Eu é que não ia dizer. Como é que eu ia dizer? Eu tinha é que ter aberto logo o jogo com a mãe. Acabado com aquela história numa vez. Mas eu não podia. Não podia! Não podia!

(Apaga-se a luz sobre o CICLISTA e ilumina-se o piso elevado. ZOCA, adulto, está sentado, imóvel, com os cotovelos apoiados nos joelhos e a cara escondida nas mãos.)

JÚLIA – *(Fora.)* Zoca! Zoca! O jantar está na mesa. *(Ele permanece imóvel. Silêncio.)* Zoca! Onde é que você se meteu? Olha o jantar, Zoca. *(Ele continua imóvel. Entra JÚLIA.)* Que que você está fazendo que não responde? Vem que se não esfria. *(Ele não se mexe.)* Que que você tem? Está sentindo alguma coisa?

ZOCA – *(Voltando-se para ela.)* A senhora não devia ter feito aquilo.

JÚLIA – Aquilo o que?

ZOCA – Lá no Seu João.

JÚLIA – Eu fui pedir emprego pra você, meu filho. Você não pode ficar assim sem trabalho.

ZOCA – Não estou falando eu. É a senhora.

JÚLIA – Eu o que?

ZOCA – Ficar implorando. Se ele não queria dar, não dava, pronto. Arranjava outro.

JÚLIA – Aonde, meu filho? Só se fosse na fábrica.

ZOCA – Era melhor.

JÚLIA – Você pensa que é fácil arranjar emprego nessa cidade? Seu pai está desempregado há dois meses.

ZOCA – Eu sei. Mas não tinha que fazer aquilo. Que que ele não vai pensar da senhora?

JÚLIA – Seu João é um homem bom. Ele sabe da nossa situação.

ZOCA – Bom... Um safado. Isso que ele é. Três sapatos. Como se ele fosse morrer de fome por causa de três sapatos.

JÚLIA – Você não deve falar assim. Agora é seu patrão. Você tem que respeitar.

ZOCA – Eu não vou.

JÚLIA – Deixa de bobagem. Nem diga uma coisa dessas.

ZOCA – Eu não vou. Pode falar o que quiser eu não vou.

JÚLIA – Que que te deu, hem? Está ficando maluco? Será que não vê a situação que a gente está? Dois meses sem pagar aluguel. Devendo a todo mundo. E você ainda quer continuar nessa vida? (*Contendo o choro.*) Você já está em idade de trabalhar, meu filho, de ajudar um pouco sua mãe. Eu não vou agüentar muito tempo nessa vida não. Ah, meu Deus! Será que já não chega seu pai? Deus ainda vai me mandar mais esse castigo?

ZOCA – Eu quero trabalhar sim, mãe. Mas lá não quero. Lá não vou.

JÚLIA – Por que que não? Que que você implicou com seu João? Um homem tão bom, tão direito. (*ZOCA se retesa, como se estivesse pronto a explodir.*) Foi tão educado comigo.

ZOCA – (*Explodindo.*) Mas eu não vou! Não vou! Pronto! Chega de falar!

JÚLIA – (*Assustada.*) Por que, meu filho?

ZOCA – Não gostei dele. Não gostei das coisas que ele disse.

JÚLIA – O que que ele disse?

ZOCA – Aquelas coisas.

JÚLIA – Que coisas?

ZOCA – (*Exasperado.*) Não sei! Umas coisas. (*JÚLIA abaixa a cabeça. Silêncio.*)

JÚLIA – Você está enganado, meu filho. Seu João é um homem de bem. Só quer ajudar a gente.

ZOCA – Sei...

JÚLIA – Você amanhã vai trabalhar. E chega de conversa.

ZOCA – Eu não vou. Não vou. (*Abre-se uma porta ao fundo e ouvem-se os passos de SEBASTIÃO.*) Não vou.

SEBASTIÃO – (*Entrando, semiembriagado.*) Que que foi? Onde que você não vai?

JÚLIA – Arrumei emprego pra ele na sapataria do Seu João. Agora está dizendo que não vai.

SEBASTIÃO – Não quer trabalhar? E por que que não? Acha que eu sou rico?

ZOCA – *(Cabisbaixo, sem encará-lo.)* Lá não vou.

SEBASTIÃO – Não vai por que? Acha que eu tenho que trabalhar a vida inteira pra te sustentar? Não vê que seu pai já está velho?

ZOCA – Eu arranjo outro. Lá não quero.

JÚLIA – Outro onde, meu filho? É muito difícil arranjar emprego hoje em dia.

SEBASTIÃO – Não tem que discutir, mulher. O emprego não está arranjado? Então ele vai. Nem que precise arrebentar ele. Já estou velho mas ainda tenho força pra não deixar filho meu virar vagabundo.

ZOCA – Não sou vagabundo não. É lá que não quero.

SEBASTIÃO – *(Violento.)* Você não tem que querer ou não querer. Você já é um homem. Tem que assumir responsabilidade. Ajudar seu pai, que está cansado. Dar uma alegria a sua mãe.

ZOCA – Seu João é safado.

SEBASTIÃO – Que safado? João é meu amigo. Nós brincamos juntos. Ele vai te ajudar na vida. Vai ser um segundo pai pra você.

ZOCA – *(No auge da tensão.)* Mas pai...

SEBASTIÃO – Cala a boca. Você vai trabalhar e pronto. Seu pai está desempregado. Chegou a hora de você fazer alguma coisa por ele. Já fiz muito sacrifício por você. Sua mãe está aí de prova. Ela também já sofreu muito por tua causa.

JÚLIA – Você não vai me dar esse desgosto, não é, meu filho?

(ZOCA abaixa a cabeça, o corpo contraído. Apagam-se as luzes sobre o piso elevado e ilumina-se o CICLISTA.)

CICLISTA – Tive que ir. Que que eu ia fazer? Também que se dane. Agora eu saí de lá. Nunca mais vou voltar. Agora eles vão ver quem eu sou. Nunca mais ter que levar aquela vidinha desgraçada. Agora eu realmente estou fazendo o que quero. Eu sempre soube que um dia ia ter minha oportunidade na vida. Nisso a mãe tinha razão. A pessoa só tem uma oportunidade na vida. Se não aproveita está ferrado. Só que ela pensava que a minha oportunidade era a loja do Seu João. Será que não via que eu não nasci pra aquilo? Que eu nasci pra fazer grandes coisas? Engraçado. Aquele dia que Seu João me mandou aqui entregar aqueles papéis eu nem podia imaginar o que ia acontecer. Quando vi o tal do Pereira rodando na bicicleta nem liguei. Isso deve ser maluco, fiquei pensando. Onde já se viu ficar sete dias andando de bicicleta. Mas depois quando vi a fotografia dele no jornal aquilo não me saiu mais da cabeça. Se ele tinha ficado sete dias porque que eu não podia

ficar oito? Sou forte, sempre tive boa saúde, graças a Deus. Ficava pensando nisso o dia inteiro. Até o Seu João filho da puta me chamava a atenção. (*Arremedando.*) “Que que você está ao olhando pra ontem?” Não estou olhando pra ontem não, velho escroto. Estou olhando pra amanhã. Se você soubesse o que eu vou fazer ficava até **besta**. Vou largar essa vidinha. Vou fazer aquilo que você nunca vai fazer. Pensa que eu vou ficar aqui a vida inteira igual você agüentando chulé desses fedorentos? Não vou não. Não sou da tua laia não, porco imundo! Custei, custei mas vim. Agora ninguém me segura mais. Já estou partindo prá quarenta e oito horas. E estou firme como aço. Depois que vencer nem sei o que vou fazer. Sou capaz de ir pro estrangeiro. Aí sim, aí sim. Quero ver a cara deles quando eu mandar carta. Vai tudo se juntar pra ler. Ah, ah, ah, ah!

(*Continua pedalar em silêncio, os olhos brilhantes, mas aos poucos vai diminuindo o ritmo.*)

NARRADOR – (*Sendo iluminado no proscênio.*) Mas como é longa a noite. Parece até que o dia se esqueceu de nascer. As estrelas continuam brilhando no céu, piscando, piscando. Até as luzes da praça parece que estão piscando, piscando...

CICLISTA – (*Reagindo ao torpor que o ia vencendo.*) Não. Não estão piscando. É só impressão minha. Preciso reagir. Sacudir a cabeça. Daqui a pouco o dia vai nascer. Então fica tudo mais fácil. É só agüentar mais um pouco.

NARRADOR – O pior é ficar sempre fazendo esses mesmos círculos. Intermináveis círculos que nunca acabam. Pudesse sair, andas pelas ruas, ver as casas, descer uma ladeira a toda velocidade, aquele ventinho fresco batendo no rosto, tão bom pra despertar, pra reanimar. Mas não. Sempre os mesmos círculos, grandes, pequenos. E essas luzes que piscam, piscam, piscam, cada vez mais depressa.

CICLISTA – (*Quase perdendo o equilíbrio, num estremeção.*) Não. Não estão piscando. Ah, meu Deus. Preciso fazer alguma coisa. Tenho que espantar o sono. Assobiar. Vou assobiar. Assobiar é bom.

(*Assobia. O NARRADOR sai.*)

NARRADOR – (*Fora.*) Mas teus olhos estão pesados. Ardem como se estivessem cheios de sabão.

CICLISTA – Mas eu não vou fechar. É só mais um pouco e o dia vai nascer. Eu sou forte. Tenho resistência. Passei três meses treinando. Todo dia de manhã cedinho pegava a bicicleta do Mane e ia treinar. Subia aqueles morros todos. Às vezes ainda levava peso nas costas. E eles rindo de mim. (*Arremedando.*) “Isso não é pra qualquer um. Tem que treinar muitos anos”. Que muitos anos! Eu lá sou qualquer um. Eu sou diferente. Será que eles não viam?

NARRADOR – (*Fora.*) Tuas pernas parece que estão cheias de chumbo. Teu pescoço dói, como se tivesse um punhal enterrado nele. E teus olhos ardem vendo aquelas luzes piscando, piscando, piscando...

CICLISTA – É um momento ruim. Logo passa. Sempre tem uma hora que a gente fraqueja. Mas depois passa. Eu preciso é pensar em coisas boas. Mas que coisas boas já me aconteceram? Matilde. Não. Matilde era uma puta. E eu pensando que ela era igual a mim. O dia inteiro pensando em nós dois indo embora de lá. Quem diria? Puta descarada!

(Apaga-se a luz sobre o CICLISTA e ilumina-se o piso elevado. ZOCA, adulto, está deitado. Tem um capinzinho na boa e olha para cima, sonhador. MATILDE está sentada sobre as pernas a seu lado, desfolhando uma rosa.)

MATILDE – Quantas pétalas será que tem uma rosa?

ZOCA – Conta. Pra que que você quer saber?

MATILDE – Nada. De bobagem.

ZOCA – Você gosta de mim?

MATILDE – Gosto.

ZOCA – Quanto?

MATILDE – Sei lá.

ZOCA – Muito ou pouco?

MATILDE – *(Olhando para o alto.)* Nem muito nem pouco.

ZOCA – Já teve alguém que você gostou mais que eu ?

MATILDE – Teve.

ZOCA – *(Erguendo a cabeça.)* Quem? Fala que eu mato ele.

MATILDE – *(Dando uma risadinha.)* Meu pai, bobo.

ZOCA – *(Deitando a cabeça.)* Ah, ele não vale. *(Erguendo a cabeça de novo.)* Você quer casar comigo?

MATILDE – *(Fazendo trejeitos com a cabeça.)* Não sei.

ZOCA – Porque não sabe? Você não gosta de mim?

MATILDE – Gosto. Mas não sei.

ZOCA – Por que não sabe?

MATILDE – Não sei se meu pai deixa.

ZOCA – Tch! Também vive com o teu pai na boca. Teu pai não interessa. Quero saber você.

MATILDE – Vou pensar. Quando passar uma cigana vou mandar ela ler o meu futuro. Aí te digo. *(Dá uma risada.)*

ZOCA – Você está debochando. *(Pausa.)* Já até imagino. A gente casando. Você toda de branco. Eu de terno azul. Aí, assim que acabar, a gente vai embora dessa terra.

MATILDE – Ir embora por quê?

ZOCA – Não quero ficar aqui, nessa terra desgraçada. (*Voltando-se para ela, animado.*) Com a gente vai ser tudo diferente. Nossa vida não vai ser igual a dessa corja não. Já pensei tudinho. A gente casa e vai pro Rio. Nunca mais volta aqui.

MATILDE – E meu pai?

ZOCA – Ele vai lá visitar a gente. Lá eu arranjo um emprego. Num instante subo na vida e compro tudo que a gente precisa. Até carro. Já imaginou nós de carro?

MATILDE – E como é que você vai ganhar tanto dinheiro?

ZOCA – Lá eu ganho. Aqui ninguém tem futuro. Mas lá é diferente. As pessoas são diferentes, entende? Não são iguais as daqui não.

MATILDE – Por que que você tem tanta raiva das pessoas daqui?

ZOCA – Eles são tapados. Nunca vão fazer nada que preste. Só querem essa vidinha porca. Um falando mal do outro. Eles são falsos, burros. Só pensam em um se aproveitar do outro. (*Enfático.*) Eu não quero ser assim. Eu não sou assim. Você também não.

MATILDE – (*Dando uma risada.*) Como é que eu sou?

ZOCA – Não é igual a eles. (*Pausa.*) Nossa vida não vai ter nada a ver com a vida deles. A gente vai se amar de verdade. Eu vou te tratar bem, não vai ter briga, não vai ter discussão.

MATILDE – Como é que você vai me tratar?

ZOCA – Direito. Não vou ser igual esses caras daí não. Que casam e todo dia vão pra zona. Tratam a mulher igual bicho. Eu não. Eu vou te amar, entende? Vai ser só você. E você também vai me amar. Vou ser só eu.

MATILDE – Você está falando igual o cara da novela.

ZOCA – Não brinca. Estou falando sério. Por que que você sempre tem que debochar de tudo? Você não acredita no que eu falo?

MATILDE – Acredito. (*Ri.*)

ZOCA – Você pensa que eu falo isso pra te enganar. Mas eu vou te provar que é verdade.

MATILDE – Vai fazer uma prova de amor? Então se joga lá da pedreira. (*Ri.*)

ZOCA – (*Irritado e sentido.*) Por que que você faz assim? Não gostou disso.

MATILDE – Bobagem, Zoca. Então não conheço homem? É tudo igual.

ZOCA – Eu não sou igual. Você não pode dizer que eu sou igual aos outros. Se fosse já tinha querido me aproveitar de você. Nunca fiz isso. Já fiz? Responde.

MATILDE – Não. Isso você não fez.

ZOCA – Então? Como é que você pode dizer que eu sou igual aos outros?

MATILDE – *(Segurando-lhe a cabeça e beijando-o.)* Ah, queridinho. Pronto. Então não digo mais. *(Beijam-se longamente.)*

ZOCA – Promete que não fala mais isso?

MATILDE – Prometo.

ZOCA – Gosta de mim?

MATILDE – Te adoro.

ZOCA – Jura que a gente nunca vai ser igual a eles?

MATILDE – Juro. *(Ela continua beijando-o mas ele desvia a cabeça e fica olhando para cima.)*

ZOCA – Lá ninguém conhece a gente. Nós vamos poder começar tudo diferente. Nem lembrar mais dessa terra, dessa imundície toda.

MATILDE – A gente vai ter muito dinheiro?

ZOCA – Nem vai precisar disso. Nossa vida é que vai ser diferente.

(Apaga-se a luz sobre o piso elevado e ilumina-se o CICLISTA.)

CICLISTA – *(O rosto iluminado de alegria.)* Olha o dia nascendo! Eu consegui! Eu consegui. A noite acabou. Vai, desgraçada. Volta pro meio dos infernos que é teu lugar. Deixa o dia nascer. Deixa ele vir pra me ajudar a vencer, pra me ajudar a mostrar quem sou eu. Ah, ah, ah! Vai, maldita. Agora eu não tenho mais medo de você. Agora eu não tenho mais medo de nada. Quem passa duas noites passa oito. Eu te venci, desgramada! Pensava que ia me derrubar, né? Ah, ah, ah! Pois aqui estou eu. Pra derrubar esse aqui não é qualquer noitezinha de merda não. Precisa muita coisa, filha da mãe. Agora sim. Agora me sinto bem de novo. Recuperarei minhas forças. O resto vai ser um passeio. Nem preciso me preocupar mais. *(Cantando.)* Daqui pra frente, tudo vai ser diferente. Ah, ah, ah, ah! Não demora isso aqui está cheio de gente outra vez. Os carros passando. Aquela barulheira toda. Bom. Mantém a gente distraído. A Menina de Azul é capaz de vir logo cedo. Me olhar com aqueles olhos bonitos. Eta, sô! Aquilo que é mulher. Se bobear, hoje vou dar uma palavrinha com ela. Perguntar o nome, coisa e tal. Assim já vou conhecendo ela, é melhor. Quando eu vencer, salto da bicicleta e vou direto falar com ela. Não. Não vai dar. Na certa as pessoas vão querer me abraçar, pedir autógrafo. Os jornalistas tudo me rodeando. Preciso pensar direitinho o que vou falar.

(Apaga-se a luz sobre o CICLISTA e ilumina-se o piso elevado. Zoca, adulto, vestido com os mesmos trajes do CICLISTA, está rodeado pelos jornalistas 1, 2 e 3. Dois deles fazem anotações em bloquinhos e um tem um microfone. Espocam flashes.)

JORNALISTA 1 – *(Com microfone.)* Como é que o senhor se sente após essa extraordinária prova de resistência?

ZOCA – Um pouco cansado, né. *(Ri e todos riem.)* Foi uma prova duríssima, mas graças a Deus eu consegui.

JORNALISTA 2 – Agora que o senhor é um homem famoso, o que pretende fazer?

ZOCA – Pretendo continuar me esforçando pra bater o meu próprio recorde e ir lá pro estrangeiro mostrar aqueles gringos que o brasileiro é que é bom.

JORNALISTA 3 – Dizem que na sua cidade ninguém fazia fé no senhor. É verdade?

ZOCA – De fato eu contei com muita incompreensão. Mas acho que aqueles que riram de mim, se tiverem vergonha na cara, nunca mais abrem a boca. *(todos riem.)*

JORNALISTA – Mas, ô Zoca, comenta-se aqui na cidade que você já tem um amor local e que se trata de uma moça da nossa melhor sociedade. Posso confirmar o boato pros nossos ouvintes?

ZOCA – Isso ainda não posso dizer nada. Mas é como dizem, né. Todo boato tem seu fundo de verdade. Agora deixem eu ir, por favor. *(Zoca dá alguns passos e os três saem.)*

JORNALISTA 1 – *(Saindo.)* E assim, senhores ouvintes, tivemos em primeiríssima mão, a voz do novo herói do nosso querido país.

(A MENINA DE AZUL surge no fundo. ZOCA caminha para ela. Ela lhe estende as mãos. Ele as aperta.)

MENINA DE AZUL – Já estava ficando com ciúmes desses jornalistas.

ZOCA – Você vai ter que se acostumar. Eles agora vão viver atrás de mim.

MENINA DE AZUL – Não faz mal. Se eu puder ficar do teu lado, nem me importo.

ZOCA – Você vai poder ficar sempre do meu lado. Se você quiser, é claro.

MENINA DE AZUL – Não tem mais nada no mundo que eu deseje tanto.

ZOCA – Verdade?

MENINA DE AZUL – Ram, ram. No primeiro dia que eu te vi, eu pensei: puxa, aquele cara deve ser tão bacana. Esses dias todos só tenho pensado em você.

ZOCA – Eu também. Assim que eu te vi eu sabia que você era igual a mim.

MENINA DE AZUL – *(Entusiasmada.)* Não brinca. Você também sentiu isso?

ZOCA – Senti.

MENINA DE AZUL – Você também sente que é diferente dos outros?

ZOCA – Claro. Nunca fui igual a eles.

MENINA DE AZUL – Eu estou tão emocionada. Estou até com vontade de chorar.

ZOCA – Por quê?

MENINA DE AZUL – Puxa! Parece que eu estou sonhando. Ainda nem acredito que é verdade.

ZOCA – O que que não é verdade?

MENINA DE AZUL – Que você existe. A vida inteira eu esperei alguém como você. Mas eu mesma me dizia: deixa de ser boba. Ele não existe. Mas no fundo alguma coisa em dava a certeza que um dia você ia aparecer... Quando eu te vi no primeiro dia, meu coração pulou. É ele, eu disse. Mas tinha medo de acreditar. Será que ele é mesmo diferente dessa gente que eu conheço? Eu ficava pensando.

ZOCA – Claro que sou, meu amor.

MENINA DE AZUL – eu tinha certeza que você ia vencer. Mesmo assim toda noite eu rezava. Depois fiquei com medo que quando você vencesse nem ia olhar pra mim. Ou então já tivesse outra que você gostasse.

ZOCA – (Abraçando-a.) Não, meu amor. O tempo todo eu só pensei em você. Foi você que me deu força pra ir até o fim.

MENINA DE AZUL – Jura?

ZOCA – Claro que eu juro.

MENINA DE AZUL – Eu fico tão contente. E você vai continuar sempre me amando assim? Eu vou ser sempre um estímulo pra você?

ZOCA – Sempre, sempre, meu anjo. Você é o amor da minha vida. Nós vamos ficar sempre juntos. A gente nunca vai se separar.

MENINA DE AZUL – Nunca.

(*Ilumina-se o CICLISTA.*)

CICLISTA – Aí ela me chama pra ir na casa dela. Vai quer me apresentar a família. (*A MENINA DE AZUL sai. ZOCA fica de costas para a platéia.*) A gente pega um táxi e vai. Por onde vai passando todo mundo me reconhece. (*Arremedando.*) “Aquele ali não é o Ciclista? É ele mesmo, é o Zoca, o campeão”. Alguns até batem palmas. A Menina de Azul toda orgulhosa do meu lado, me olhando. Até o chofer do táxi: (*Arremedando.*) “Puxa, que honra pra mim levar o senhor. Será que o senhor podia dar um autógrafo pra eu levar pros meus filhos?” E eu: bobagem, eu sou igual outro qualquer. E a Menina de Azul: dá sim, querido. Ele vai ficar todo contente. Então eu dou. Aí a gente chega. Está todo mundo me esperando. (*A MENINA DE AZUL entra, introduzindo o DOUTOR GUIMARÃES.*) Os vizinhos todos na janela olhando.

MENINA DE AZUL – (*Apresentando.*) Esse aqui é meu pai.

GUIMARÃES – (*Enfático, apertando a mão de ZOCA.*) Doutor Guimarães, muito prazer. O senhor não imagina como eu me sinto honrado em recebê-lo em minha casa.

ZOCA – O prazer é todo meu, doutor Guimarães.

MENINA DE AZUL – (*Introduzindo LOBATO. Apresentando.*) Esse é meu tio.

LOBATO – (*Apertando-lhe a mão.*) General Lobato. É com grande prazer que eu cumprimento o herói, mais um orgulho da nossa pátria.

ZOCA – Obrigado, general.

MENINA DE AZUL – (*Introduzindo AUGUSTINHO. Apresentando.*) Meu irmão.

AUGUSTINHO – (*Apertando-lhe a mão.*) Embaixador Augustinho. Satisfação.

ZOCA – (*Admirado.*) Você já é embaixador? Tão novo assim?

AUGUSTINHO – Olha quem fala. E você, já é campeão, tão novo assim? (*Todos riem.*)

MENINA DE AZUL – (*Dando o braço a ZOCA.*) Vamos sentar. (*Todos sentam-se. Ela bem juntinho a ZOCA, olhando-o maravilhado.*)

GUIMARÃES – Me diga uma coisa, rapaz. Eu não consigo imaginar como alguém possa ficar oito dias sem dormir. É um esforço sobre-humano.

ZOCA – Foi preciso muita força de vontade, sabe doutor. Teve horas que eu quase fraquejei, confesso pro senhor. Mas minha vontade foi mais forte. Então hoje eu posso dizer: o homem pode conseguir tudo que quiser. Precisa ter é decisão.

LOBATO – Assim é que se fala. São homens como você que vão fazer a grandeza dessa terra.

ZOCA – Se Deus quiser. No começo foi duro, sabe. Ninguém acreditava em mim. Chegavam a rir na minha cara. Agora eu venci. Mas essa mágoa ninguém me tira não.

GUIMARÃES – Já agora isso tudo pertence ao passado, Zoca. Perdoe-os. Eles não sabiam o que faziam.

ZOCA – Mas dói, doutor.

AUGUSTINHO – Eu compreendo. Os grandes homens sempre sofreram incompreensões, humilhações. Mas no fim todos têm que reconhecer seu valor.

LOBATO – Segue o caminho do bem, e serás recompensado.

GUIMARÃES – Agora é esquecer o passado e partir para o brilhante futuro que você tem pela frente.

LOBATO – (*Insinuante.*) Quando vai ser o casório? (*A MENINA DE AZUL aperta ZOCA.*)

ZOCA – (*Olhando pra ela.*) Ainda não marcamos. Mas vai ser assim que ela quiser.

MENINA DE AZUL – Por mim podia ser até hoje. (*Todos riem.*)

AUGUSTINHO – Você tem sorte, Zoca. Ela vai ser uma esposa maravilhosa.

MENINA DE AZUL – Sorte tenho eu.

LOBATO – São ambos consortes, pronto. (*Todos riem.*)

GUIMARÃES – Pois então está resolvido. Vocês se casam e vão para o Rio. Um homem como você não pode ficar se perdendo neste fim de mundo.

AUGUSTINHO – Não pode ficar se perdendo num país com oeste. Quando eu voltar pra América do Norte, vocês vêm comigo. Lá sim, vão reconhecer o verdadeiro valor que você tem, Zoca.

LOBATO – E de mim, você já sabe. Tudo que eu puder fazer por você, é só falar. E olha que não é pouco o que um general pode fazer hoje em dia, hem. (*Todos riem. A MENINA DE AZUL envolve ZOCA ainda mais. Ele corresponde. Os outros três olham-se entre si, benevolentes.*)

GUIMARÃES – Acho que tem gente sobrando aqui.

AUGUSTINHO – Não é difícil adivinhar quem. (*Os três riem.*)

LOBATO – Vamos lá pra dentro. (*Levantam-se.*)

ZOCA – (*Sem graça.*) Ora, o que é isso?

LOBATO – Quando o amor fala, tudo o mais cala. (*Saem rindo.*)

MENINA DE AZUL – (*Suspirando.*) Nunca imaginei que um dia eu pudesse ser tão feliz. Não é maravilhoso?

ZOCA – Parece que eu estou nas nuvens. Nem acredito. Agora sim, agora que eu estou começando a viver.

MENINA DE AZUL – Já imaginou a gente na América do Norte?

(*Apaga-se a luz sobre o piso elevado.*)

CICLISTA – Quero ver a cara deles quando souberem que eu estou na América do Norte. Ah, ah, ah! (*Arremedando.*) “Será possível? E a gente pensando que ele era um bobalhão qualquer”. Ah, ah, ah! Olha o sol chegando. Vai ser um dia bonito. Bem de acordo com tudo. Parece até que Deus está vendo como eu estou alegre e manda um dia bonito pra me alegrar ainda mais, pra me dar força. Ele sabe que eu sou bom, que não sou igual aos outros. Então vai me ajudar. Se eu vencer prometo acender três velas e fazer uma novena. Deus é bom. Vai ouvir meu pedido. (*Olhando para os lados.*) Cadê o Zé? Esse mocorongo

some toda hora. Posso precisar dele de repente e aí? Essa gente é assim mesmo. Depois que pega o dinheiro não quer nem saber. Olha ele lá. (*Grita.*) Zé! Vem cá. (*JOSÉ entra e fica correndo parado ao lado dele.*)

JOSÉ – Como é que está?

CICLISTA – Estou firme. A noite é que foi uma luta. Mas agora de dia não tem problema não.

JOSÉ – (*Olhando para cima.*) Olha lá, hem. O sol hoje não vai ser mole não. Está esquentando pra diabo. Parece até verão.

CICLISTA – Do sol não tenho medo não. Pior é a noite. Dá sono. De dia a gente sua mas agüenta bem.

JOSÉ – Sei não, hem.

CICLISTA – Me arranja leite que eu estou com uma sede danada. (*JOSÉ sai.*) Que sol, que nada! Que que essa besta entende disso? Nunca fez nada que preste. (*JOSÉ volta trazendo uma garrafa de leite. Entrega-a ao CICLISTA, que bebe.*)

JOSÉ – Sabe quem passou aqui?

CICLISTA – Quem?

JOSÉ – O Chuchu.

CICLISTA – Que Chuchu?

JOSÉ – Aquele lá da terra. Um baixinho. Veio aqui fazer umas entregas. Disse que lá na terra todo mundo está apostando que você não passa de hoje. Disse que Seu João para cinco engradados de cerveja pra todo mundo que aparecer se você amanhã ainda estiver de pé.

CICLISTA – Aquilo pagar cinco engradados de cerveja? Nem que eu ficar aqui um mês ele não paga nem um traçado. Então não conheço ele? Safado!

JOSÉ – Estão dizendo também que você ficou maluco. Que a polícia daqui devia te botar no hospício.

CICLISTA – Quando eu vencer quero ver o que eles vão dizer. Maluco, né?

JOSÉ – Vou sentar.

CICLISTA – Vai. (*JOSÉ sai.*) Cinco engradados de cerveja. Isso eu queria ver. Unha de fome igual aquilo só no inferno. Cachorro! Ele não perde por esperar. Um dia me descontou até o dinheiro do ônibus. Safado!

(*Apaga-se a luz sobre o CICLISTA e ilumina-se o piso elevado. SEU JOÃO, de pé atrás de uma banquetta, está escrevendo num livro de contabilidade. Entra ZOCA, adulto. Como sempre tem o porte encolhido.*)

ZOCA – Bom dia, Seu João.

JOÃO – *(Sem levantar a cabeça.)* Bom dia. Atrasado outra vez.

ZOCA – É que eu tive que passar na casa da minha tia. E aí...

JOÃO – *(Cortando, ríspido.)* Todo dia tem uma desculpa. Mas no fim do mês quer o ordenado inteiro. *(ZOCA abaixa a cabeça e vai para um canto.)* É por causa de gente da tua laia que esse país não vai pra frente.

ZOCA – Esse mês só cheguei um dia atrasado. Mesmo assim foi só dez minutos.

JOÃO – Só uma vez, coitadinho. Dez minutinhos só. Eu pago para você estar aqui todo dia às sete e meia. Não me faz favor nenhum chegando na hora. *(Pausa.)* Não fosse por sua mãe que me pede tanto, eu te punha na rua hoje mesmo. Tem muita gente por aí melhor que você desempregada.

(Entra ALFREDO. Traz uma caixa de sapatos em baixo do braço.)

JOÃO – *(Mudando de tom.)* Seu Alfredo. Quanta honra. A essa hora da manhã.

ALFREDO – Bom dia, Seu João. *(Coloca a caixa sobre o balcão.)* Esse não é o sapato que eu comprei. O senhor faça o favor de trocar.

JOÃO – *(Surpreso.)* Não foi esse? *(Abrindo a caixa.)* Então deve ter havido algum engano.

ALFREDO – Por causa disso não pude viajar hoje cedo. Me atrasou o dia todo.

JOÃO – *(Tirando um pé de sapato da caixa.)* O senhor está com toda razão. Não foi esse o sapato que eu vendi pro senhor ontem. *(Vira-se para ZOCA.)* Vem cá, rapaz. *(ZOCA se aproxima.)* Foi esse o sapato que eu te mandei embrulhar e levar na casa do Seu Alfredo? *(Brandindo o sapato.)* Olha bem, estupor.

ZOCA – Pensei que era esse.

JOÃO – *(Colérico.)* Você pensou! *(Para Alfredo.)* O senhor vai me desculpar. Está com toda a razão. Peço mil desculpas. Mas o senhor mesmo está vendo que espécie de animal eu tenho por empregado. Isso se cair de quatro, Seu Alfredo, não levanta mais, não levanta mais. Eu não sei por que castigo de Deus essa besta veio se atravessar no meu destino.

ALFREDO – *(Irônico.)* Pelo que se diz por aí, até que o castigo não é dos piores, hem Seu João.

JOÃO – *(Disfarçando, mas envaidecido.)* Conversa fiada. Não se pode levar a sério o que esse povo diz. *(Para ZOCA.)* Pega o sapato que eu ontem te mandei embrulhar.

ZOCA – Não sei qual é.

JOÃO – Aquele marrom de bico fino que Seu Alfredo experimentou ontem. Como é que pode ser tão burro, meu Deus do Céu? *(ZOCA se afasta e se agacha no fundo, procurando alguma*

coisa.) O senhor não me leve a mal, Seu Alfredo. Foi um descuido. Eu devia ter visto isso pessoalmente. (*Puxando seu ALFREDO e falando em direção oposta à que está ZOCA, em tom de sussuro.*) Isso é o pai. Os filhos são sempre meio... (*Agita a mão perto da cabeça.*)

ALFREDO – Natural. Eu compreendo.

JOÃO – Não é má pessoa não. (*Batendo na cabeça.*) Mas é tapado. Não entende as coisas. Parece que vive no mundo da lua. Só não mando embora por pena.

ALFREDO – Ora, Seu João. Não vai vir com essa conversa pra cima de mim. Todo mundo na cidade está sabendo... (*Cutucando ele.*) Hem, Seu João!

JOÃO – Conversa de quem não tem o que fazer.

ALFREDO – Até que ela ainda está em bom estado. Uma meia sola ali ainda vai muito bem. Hem, Seu João! (*Dá uma risada presa, JOÃO não se contém e ri também. JOÃO puxa ALFREDO para o canto oposto ao que está ZOCA.*) Uma boa meia sola, hem Seu João. (*Os dois riem mais ainda, mas procurando abafar o riso.*) Também um marido daqueles. Ele enche a cara e o senhor enche a mulher. (*Cada vez riem mais.*)

JOÃO – Pura caridade, Seu Alfredo. (*Continuam rindo. ZOCA se ergue, tenso, e se aproxima deles com uma caixa de sapatos.*)

ZOCA – Está aqui, Seu João. (*Os dois controlam o riso. JOÃO pega a caixa, abre-a e tira um sapato, mostrando-o a ALFREDO.*)

JOÃO – É esse aqui, não é?

ALFREDO – Esse mesmo.

JOÃO – Deixa eu embrulhar.

ALFREDO – Não precisa. Eu levo assim mesmo. Ainda quero ver se pego o ônibus das nove horas. (*Pega a caixa.*) Um bom dia pro senhor. (*Dirige-se para a saída.*)

JOÃO – Boa viagem. E desculpe, hem.

ALFREDO – (*Saindo.*) Nada. Uma boa meia sola, hem. (*Ri. Sai.*)

JOÃO – Isso é um gozador. (*Para ZOCA, mudando de tom.*) Está vendo o que você arranjou? Onde é que você tem a cabeça, hem? Mas isso não fica assim não. Vou descontar o dinheiro que você gastou de ônibus do seu ordenado. Você tem que aprender a ter responsabilidade. Cabeça de vento!

(*Apaga-se a luz sobre o piso elevado e ilumina-se o CICLISTA.*)

CICLISTA – Essa merda desse sol está começando a esquentar. Pelo visto o calor hoje vai ser dor diabos. Ontem estava tão fresquinho. Como é que foi esquentar desse jeito? Se agora já está assim, imagina mais tarde. Não vai ser mole não. Mas eu agüento. Suo um pouco mas não tem problema. De qualquer jeito é melhor que de noite. Se bem que de noite é mais fresco. Também tem isso. Em compensação o sono atazana a gente. Vai

amolecendo a gente sem a gente nem sentir. Quando vê está no chão. Ainda pode dar o azar de bater com a cabeça num lugar. Aí, babau. Se dana de pura besteira. De dia não tem esse perigo. Mas tem o sol. E o desgraçado quando esquenta parece um forno. Fico pensando aqueles caras que moram no deserto. Beduíno. Ali que é parada. Mas eles estão acostumados. Já nasceram embaixo daquele sol. Se vier pra aqui ainda é capaz de sentir frio. Ra! Já imaginou? Eu aqui morrendo de calor e o miserável montado no camelo, cheio daquelas roupas, pano na cabeça e não sei mais o que, sentindo frio. Essa vida é engraçada mesmo. Tudo depende da pessoa, né. A gente acha esquisito o modo como eles vivem. E eles devem achar o modo da gente esquisito. Vai alguém entender. E esse sol desgraçado que não refresca. Ô, praga! Não tem uma desgraça duma nuvenzinha pra passar na frente. Quando a gente não quer fica cheio daquelas nuvenzonas pretas. Fica escuro igual breu. Mas quando a gente precisa delas as desgraçadas parece que se escondem. Ô, calor maldito! Não tem um ventinho. Parece até o dia que o pai matou o Rex. Cachorro bom estava ali. Bêbado malvado!

(Apaga-se a luz sobre o CICLISTA e ilumina-se o piso elevado. ZOCA, adolescente, está sentado numa mesinha, escrevendo num caderno. Ouvem-se latidos e rosnar de cachorro. ZOCA levanta a cabeça, atento.)

SEBASTIÃO – *(Fora.)* Sai pra lá! Larga, diacho!

(Ouvem-se mais latidos e depois dois tiros de revólver e ganidos. ZOCA se assusta e levanta-se. Ouve-se abrir uma porta ao fundo.)

SEBASTIÃO – *(Fora, mas mais próximo.)* Me mordeu. Mordeu minha perna, desgraçado. Aii!

JÚLIA – *(Fora.)* que foi isso, meu Deus? *(ZOCA corre para o fundo e sai.)*

SEBASTIÃO – Esse cachorro maldito me mordeu. Não está vendo? Tirou sangue, aí.

JÚLIA – E precisava fazer isso? Pobrezinho do bicho.

SEBASTIÃO – Traz o mercúrio cromo.

JÚLIA – A criança tinha tanta estima pelo animal. Que maldade, meu Deus.

SEBASTIÃO – Pára de resmungar, mulher. Vai pegar o mercúrio cromo, que está doendo. *(Entra SEBASTIÃO mancando, com uma das pernas da calça arregaçada e um revólver na mão. Está semi-embriagado.)* Bicho excomungado! *(Coloca o revólver sobre a mesa onde ZOCA estava e se abaixa, cambaleante, para examinar o ferimento.)* Quase arrancou um pedaço. *(Ergue-se, tira o paletó e joga num canto.)*

JÚLIA – *(Fora.)* Está morto? Coitado do bichinho. Não chora não que eu vou arranjar outro. *(Gritando, ríspida.)* Olha o mercúrio. *(SEBASTIÃO sai.)*

SEBASTIÃO – *(Fora.)* Já está chorando outra vez? Maricas!

JÚLIA – Deixa o menino quieto.

SEBASTIÃO – Tudo tem que chorar. Parece mulherzinha. Um cachorro vagabundo desse. Fosse um ladrão ele não mordia.

JÚLIA – O cachorro era dele. Você não tinha nada que fazer isso.

SEBASTIÃO – A casa é minha. Faço o que quiser. E vai chorar lá pra dentro, senão ainda vai apanhar por cima.

JÚLIA – (*Irritada.*) Faz o que quiser, não senhor. Ainda tenho eu aqui pra botar um pouco de respeito nessa casa. (*Entra ZOCA e vai sentar-se na mesinha, escondendo o rosto entre as mãos e soluçando.*) Se você não tem mais respeito pra dar, eu graças a Deus ainda tenho. A educação que eu tive no berço você não me tira não. Pelo menos isso você não tira.

SEBASTIÃO – Tivesse alguma coisa pra tirar. Que educação tua família te deu? Sempre foram uns bunda-sujas.

JÚLIA – Na minha família pelo menos nunca teve nenhum bêbado. (*ZOCA levanta a cabeça e depara com o revólver. Olha-o fixamente.*) Sempre foi gente muito decente.

SEBASTIÃO – É melhor você parar de falar. Bota a comida na mesa e cala a boca.

JÚLIA – Não calo não. Quem você está pensando que eu sou? Chega em casa às duas horas da tarde. Bêbado que nem um gambá e ainda quer comida. Teu prato está lá na cozinha. Se quiser apanha. Eu não vou esquentar não.

SEBASTIÃO – Sua filha da puta! (*ZOCA estende a mão e pega o revólver.*) Está querendo de novo, é? Está querendo?

JÚLIA – Não começa escândalo outra vez não. Já não agüento mais de vergonha dos vizinhos.

SEBASTIÃO – Então pára de me atazanar. Se não te arrebento a cara. (*ZOCA examina o revólver, aperta-o na mão e se contrai.*)

JÚLIA – É só pra isso que você tem força mesmo. Fosse pra trabalhar não agüentava.

SEBASTIÃO – Sua vagabunda! (*Ouve-se o som de uma mesa caindo e objetos de louça quebrando. ZOCA se levanta, trêmulo. Há um longo silêncio. Com voz embargada.*) Você pára com isso. Já não agüento mais essa falação. Um disse desses eu te mato ou então me mato.

JÚLIA – Quem já não agüenta mais sou eu. Uma hora eu pego meu filho, vou embora. Não volto nunca mais.

SEBASTIÃO – Com a criança você não vai não. Tem que me matar primeiro. (*ZOCA tem um estremeção.*)

JÚLIA – Quem sabe se um dia eu não mato? Ponho veneno na tua comida?

SEBASTIÃO – Você pensa que eu tenho medo? Me fazia até um favor. Acabar com essa vida desgraçada.

JÚLIA – Desgraçada por tua culpa mesmo. Quem perde a vergonha, perde tudo.

SEBASTIÃO – (*Furioso.*) Você não é uma mulher, você é uma víbora. Você que inferniza minha vida. Desgraçada! (*Ouve-se o estalar de um bofetão. ZOCA se encolhe e volta a sentar.*) Vou voltar pra rua. Lá pelo menos ninguém me atazana. (*ZOCA coloca rapidamente o revólver em cima da mesa e fica imóvel. Ouve-se uma porta bater com violência. Apaga-se a luz sobre o piso elevado e ilumina-se o CICLISTA.*)

CICLISTA – Porra! Que calor, o sol está de matar. Não refresca, meu Deus. Fico até com medo. Dizem que muito sol deixa a gente até doente. Dá insolação. Nunca tive. Mas dizem que é brabo. Já estou até achando que de noite é melhor, mesmo. Pelo menos não fica abafado desse jeito. Vou tomar alguma coisa pra ver se melhora. (*Grita.*) Zé!

JOSÉ – (*Fora.*) Oi.

CICLISTA – Traz alguma coisa pra eu beber. (*Após alguns instantes entra JOSÉ e vai correndo parado ao lado dele. Dá-lhe uma garrafa e ele bebe.*) A coisa está braba, rapaz. Que calor, sô. Não estou agüentando não.

JOSÉ – Pudera! Quem está sentado na sombra está que não pode. Faça idéia você.

CICLISTA – Nunca vi calor assim não, rapaz.

JOSÉ – Igual hoje também poucas vezes vi. (*Olhando para cima.*) Isso é chuva que vem aí.

CICLISTA – Deus queira. (*Joga o resto do líquido na cabeça.*) Ô, maravilha. Se eu pudesse dar um mergulho na represa agora.

JOSÉ – Já pensou, hem. Que delícia.

CICLISTA – Não gosto nem de pensar nisso.

JOSÉ – Quer mais alguma coisa?

CICLISTA – Não. (*Dá-lhe a garrafa.*)

JOSÉ – Então vou pra sombra que aqui não está mole. Agüenta firme que daqui a pouco vem chuva aí. Pode estar certo.

CICLISTA – Reza lá. (*JOSÉ sai.*) Não está fácil não. Dá vontade até de mandar isso tudo a merda e ir me embora. Vou acabar virando churrasco aqui. Não. Que isso? Estou me deixando levar pelo pessimismo. Tenho que agüentar. Não há de ser essa porcária de sol que vai me derrubar. Isso não. Se cheguei até aqui vou até o fim. Nem que tiver que morrer tostado. Não vou é dar esse prazer a eles. (*Aflito.*) Mas está quente pra diabo. Lá isso está. Tem que ter muita vontade.

NARRADOR – (*Fora.*) Será que tua vontade é tão grande pra agüentar esse sol brilhando na tua cara, não deixando você ver nada direito?

CICLISTA – Vontade aqui é o que não falta.

NARRADOR – Você sempre foi fraco. Nunca teve vontade bastante pra tomar nenhuma atitude na vida.

CICLISTA – Porque lá eu não podia. Lá estava tudo contra mim. Eles não deixavam eu fazer nada. Tinha que ser igual a eles. (*Exasperado.*) E eu não queria.

NARRADOR – Você sempre foi covarde. Eles faziam tudo que queriam com você e você não fazia nada.

CICLISTA – Eu não podia. Não podia.

NARRADOR – Você pensa que pode de repente deixar de ser um covarde? Deixar de ser fraco? Não. Você não mudou nada, você continua sendo fraco. Por isso não vai agüentar. Vai desistir daqui a pouco.

CICLISTA – (*Dando mostras de aflição e cansaço cada vez maiores.*) Não. Eu não vou desistir. Por nada desse mundo eu desisto. Nem que morra aqui.

NARRADOR – Mas você quer desistir. No fundo você quer desistir. Você pode lutar contra tudo. Mas não pode lutar contra tua própria vontade.

CICLISTA – Posso. Eu vou lutar. Eu não quero desistir.

NARRADOR – Tua vontade é parar. Descer dessa maldita bicicleta, que já te pôs em carne viva.

CICLISTA – Não é. Não é.

NARRADOR – Pra que isso? Pra que ficar se matando desse jeito? Pra que agüentar esse calor infernal? Essa dor no corpo todo?

CICLISTA – Eu preciso. Eu preciso.

NARRADOR – Não. Você não precisa. Você tinha um emprego. Tinha uma casa pra morar. Você tinha tudo que precisava.

CICLISTA – Não. Não tinha.

NARRADOR – Pra que querer ser diferente dos outros? Isso é muito difícil. Você não tem força.

CICLISTA – Tenho. Eu vou mostrar que tenho.

NARRADOR – É melhor desistir. Parar. Parar. Parar. Ir descansar na sombra. Depois voltar e pedir o emprego de volta ao Seu João.

CICLISTA – Não. Nunca. Prefiro morrer igual um porco a fazer isso. Levei três meses pra decidir. Mas agora vou até o fim. Não vou dar esse prazer àquele filho da puta nunca.

(*Apaga-se a luz sobre o CICLISTA e ilumina-se o piso elevado. ZOCA, adulto, está diante do Seu João.*)

JOÃO – Como é que é a história?

ZOCA – Vou fazer uma prova de resistência em bicicleta.

JOÃO – Prova de resistência? Você ficou é maluco.

ZOCA – Fiquei não senhor. Há três meses que eu venho treinando. Vou ficar oito dias na bicicleta.

JOÃO – Oito dias? (*Dá uma gargalhada.*) Sem dormir? Endoidou de vez. Não estou dizendo?

ZOCA – Não endoidei não senhor. Queria que o senhor acertasse as contas comigo, que eu não vou voltar mais não.

JOÃO – Acertar as contas? Você pensa que isso aqui é o que? É só ir chegando e vamos acertar as contas? Você aqui não passa de um empregado, meu filho. Quem diz quando acertar as contas aqui sou eu.

ZOCA – Eu só estava querendo...

JOÃO – (*Cortando.*) você não tem que querer nada. Eu é que quero saber que prova de resistência é essa. Afinal de contas você é meu empregado. Se sair daqui amanhã e fizer uma besteira por aí vai comprometer o nome da minha firma.

ZOCA – Fora daqui eu não tenho nada a ver com o senhor.

JOÃO – Olha como fala, hem, moleque. Te botei aqui só por causa da tua mãe. E se quiser te boto na cadeia. (*ZOCA abaixa a cabeça. Pausa.*) Que história é essa de prova de resistência?

ZOCA – Já disse pro senhor.

JOÃO – Isso é aqui na cidade?

ZOCA – Não senhor. É em outro lugar.

JOÃO – Bem. Se é em outro lugar é problema seu. Já não me afeta mais. Pode até assaltar um banco lá que não me interessa. Sua mãe sabe disso?

ZOCA – Sabe sim senhor.

JOÃO – Que que ela acha?

ZOCA – Acho que eu não devia ir.

JOÃO – É que ela é muito boba. Devia dar graças a Deus por se ver livre de você. E se teu pai fosse também, então para ela era o céu. (*ZOCA se contrai.*) E o trabalho?

ZOCA – Vou largar.

JOÃO – Você nunca me enganou. Quem nasce pra vagabundo não tem conserto não. Vai ser igualzinho o pai.

ZOCA – Eu só quero meu dinheiro pra ir embora.

JOÃO – Muita calma, meu rapaz. Muita calma. Em primeiro lugar, empregado meu não se demite. Sou eu que o despeço. Quer dizer que você pode se considerar despedido.

ZOCA – Dando meu dinheiro, não importa.

JOÃO – Em segundo lugar, o dia do pagamento é segunda-feira que vem.

ZOCA – Mas eu queria que o senhor me desse hoje.

JOÃO – Pois vai ficar querendo. Quem decide quando deve pagar aos empregados sou eu. Ora, essa é muito boa.

ZOCA – Mas é meu direito.

JOÃO – Você aqui não tem direito nenhum. Já se esqueceu de que eu te pus aqui por caridade? Por que sua mãe bateu aqui implorando pra eu te empregar? Mal agradecido. A gente ainda quer ajudar e eles ainda vêm com duas pedras na mão.

ZOCA – Só estou querendo o que é meu.

JOÃO – (*Severo.*) Já disse que só segunda-feira. (*Silêncio.*) Que que está esperando? Pode ir embora.

ZOCA – Então é assim?

JOÃO – É assim mesmo. Tem alguma reclamação?

ZOCA – Não faz mal. Segunda-feira dá tempo. (*Vira-se.*) Mas que é meu direito é. (*Caminha para a saída.*)

JOÃO – Depois não me venha pedir pra voltar não, que eu te ponho no olho da rua a pontapés.

ZOCA – (*Saindo.*) Isso pode deixar que eu não faço nem morto.

JOÃO – Vagabundo!

(*Apaga-se a luz sobre o piso elevado e ilumina-se o CICLISTA.*)

CICLISTA – (*Esgotado.*) Nem que fosse pra salvar minha mãe de morrer de fome. Cachorro! Mas que calor, meu Deus! Assim ninguém agüenta. Tenho que fazer alguma coisa pra melhorar. Mas o que? Não tem jeito. Meu Deus, me ajude. Me dai forças. Eu prometo que nunca vou fazer mal a ninguém. O senhor sabe que eu sou bom. Não me deixa enfraquecer. Ave Maria, cheia de graça, Senhor é convosco, bendito o fruto, vosso vente, Jesus. Me ajudai, Nossa Senhora. Fazei que eu tenha forças. É só mais um pouquinho. Depois vai refrescar. Aí eu agüento. Mas esse calor está me matando. Preciso

dar um jeito. Fazer alguma coisa. *(Sorri.)* Isso. Boa idéia. *(Grita.)* Zé! Foi Deus que me iluminou. Obrigado, meu Deus. *(Entra JOSÉ.)*

JOSÉ – Chamou?

CICLISTA – Vê se me arranja uma sombrinha. Um guarda-chuva, qualquer coisa. Não estou agüentando mais. Pede emprestado por aí.

JOSÉ – Vou ver se arranjo. Agüenta firme. *(Sai.)*

CICLISTA – Iluminai ele, meu Deus. Fazei que ele arranje. Se não vou agüentar muito não. Se existe inferno deve ser igual a isso. Não há maior sofrimento que esse. Por que que a vida é tão desgraçada? Prum homem fazer o que quer tem que sofrer tudo isso? Melhor é não sonhar com nada. Ser igual a eles. Viver e morrer naquela vidinha, sem nunca fazer nada que preste. Pelo menos não tem que sofrer desse jeito.

JOSÉ – *(Entrando com um guarda-chuva.)* Arranjei.

CICLISTA – Graças a Deus.

JOSÉ – O homem do botequim emprestou. *(Abre o guarda-chuva e entrega-o ao CICLISTA, que o segura com uma das mãos.)* Mas não precisa se preocupar não. Já está cheio de nuvem daquele lado vindo pra cá.

CICLISTA – Quanto tempo você acha que ainda demora?

JOSÉ – Isso não sei. O guarda-chuva não adiantou não?

CICLISTA – Melhora, mas não resolve. Está quente demais.

JOSÉ – Lá isso está. Mas sempre alivia um pouco, aí dá pra você agüentar.

CICLISTA – Pode ir. *(JOSÉ sai.)* Só mais um pouquinho. A chuva já vem. Também se não vier eu caio. Esse é o pior momento que já passei. Pensei que a noite era pior mas não é não. O sol é muito pior. Tira as forças da gente. Dá um desespero por dentro como eu nunca senti antes. Parece até que estou doente. Não. Bobagem. Isso é o sol. Quando vier a chuva passa. Estou com a cabeça quente como brasa. Parece que vai rachar. Mas não é nada. Batendo água melhora logo. *(Ouve-se uma trovoada. A fisionomia do CICLISTA se transforma.)* Olha ela aí! É ela. É a chuva. Estou salvo. *(Gritando.)* Ouviu, Zé?

JOSÉ – *(Fora.)* É ela.

CICLISTA – É ela. Está chegando. *(Ouve-se outra trovoada. Entra JOSÉ.)* Está ouvindo?

JOSÉ – Não disse?

CICLISTA – *(Jogando o guarda-chuva para ele.)* Pega isso aí. Quero que a água me escorra pela cara até o rabo. *(JOSÉ pega o guarda-chuva e faz malabarismos com ele.)* Vem, chuvinha, vem. Nunca te quis tanto. Vem com toda força. Que seja um dilúvio.

JOSÉ – Ela está vindo. *(Botando a mão na orelha.)* Já ouço até o barulhinho. *(Ouve-se o ruído da chuva chegando.)* Já está aí.

CICLISTA – *(No auge da alegria.)* Vem! Vem! Bendita seja. *(O ruído aumenta. É chuva forte, de vento.)*

JOSÉ – Vou me abrigar. *(Sai.)*

CICLISTA – Vai. Eu quero ela batendo na minha cara. *(Dá gargalhadas longas, alucinadas.)* Ah, ah, ah! Isso! Cai chuva. *(Abre os braços, rindo.)* É Deus que manda pra me ajudar. Pra me dar a vitória. Ah, ah, ah, ah! E eu que já estava quase desistindo. É sempre assim. Tem um momento que a gente quase fraqueja. Mas se a gente vence ele, aí Deus ajuda. Aí ninguém segura mais a gente. A vida é assim. Quem fraqueja, se dana. Quem agüenta, ganha. E eu vou ganhar. Mostrar pra eles que eu não sou um merda qualquer. Que esse aqui é o ZOCA, o bom. Agora sim, vou de vento em popa. Sou capaz até de ganhar muito dinheiro. Mas muito dinheiro mesmo. Então vou comprar aquele buraco. Tudinho. As terras, as casas, tudo. Aí eles vão reconhecer o meu verdadeiro valor. Quero ver. Nem digo nada. Mando o advogado comprar. Por qualquer preço. Não importa. Aí um dia chego lá no meu carro conversível. Vou morar na casa do doutor Raimundo. O povo na rua vê passar aquele carrão. Tudo comentando: *(Arremedando.)* “É o Zoca, olha lá. Já veio pra passar as férias?”. Aí outro: *(Arremedando.)* “Dizem que ele comprou todas as terras daqui. Não tem nada que não seja dele”. E o outro: *(Arremedando.)* “Ele está tão rico assim?” “Então não está? É o homem mais rico dessa região”. “Quem diria, hem?” “E a gente que não dava nada por ele”. Ah, ah, ah” Aí chego em casa, vou pro escritório. *(Apaga-se a luz sobre o CICLISTA e ilumina-se o piso elevado. ZOCA, adulto, está sentado, lendo um jornal. Entra o EMPREGADO, muito obsequioso.)*

EMPREGADO – Tem uma pessoa querendo falar com o senhor.

ZOCA – Quem é? Agora estou lendo jornal. Manda vir depois. *(O EMPREGADO sai mas volta em seguida.)*

EMPREGADO – Ele diz que é muito urgente. Que o senhor conhece ele. É o Seu João.

ZOCA – Seu João? Não conheço esse cara não. Quem é?

EMPREGADO – É aquele da sapataria.

ZOCA – Um! Acho que me lembro. Que que ele quer?

EMPREGADO – Não quis dizer. Está muito aflito. Pediu por favor pro senhor receber ele.

ZOCA – Vai lá. Manda entrar. *(O EMPREGADO sai e introduz Seu João. ZOCA continua lendo jornal.)*

JOÃO – *(Abrindo os braços.)* Zoca! Há quanto tempo. Que prazer em revê-lo. *(ZOCA abaixa o jornal e o examina de alto a baixo. Põe o jornal de lado e se levanta.)* Você parece tão bem disposto, Zoca.

ZOCA – (*Olhando para os lados.*) Zoca? Tem algum Zoca aqui? (*Aos berros.*) Doutor Zoca! (*JOÃO se encolhe e recua.*) E não me faz favor nenhum não.

JOÃO – (*Intimidado.*) Desculpe, doutor. Não tive intenção de ofender o senhor. Eu só pensei...

ZOCA – (*Cortando.*) Você não tem que pensar nada. Você aqui é um merda. Eu posso mandar te jogar na rua.

JOÃO – (*Humilde.*) O doutor tem toda razão. Foi uma falta de respeito mesmo.

ZOCA – Que que você quer?

JOÃO – (*Tirando uma folha de papel do bolso.*) O doutor vai ter paciência comigo. Mas é que eu recebi essa ordem de despejo da sapataria. E eu soube que foi o doutor que comprou o prédio.

ZOCA – Fui eu mesmo. Comprei a cidade toda. Mas esses assuntos é meu advogado que trata. (*Senta-se e volta a pegar o jornal. Silêncio. JOÃO não sabe o que fazer.*)

JOÃO – (*Com extremo cuidado.*) O doutor vai me perdoar mais uma vez.

ZOCA – (*Abaixando o jornal, irritado.*) Você ainda está aí? Já não disse pra falar com o advogado?

JOÃO – Sim, senhor. Mas se o doutor me permite. Eu já falei com ele. Ele disse que foi o senhor que deu ordem pra me despejar.

ZOCA – É verdade. Já tinha até esquecido. Então o que o senhor tem que fazer é sair de lá.

JOÃO – Mas doutor, aquilo é o meu ganha pão.

ZOCA – Não me interessa. Preciso do prédio pra fazer uma garagem. Comprei cinco automóveis no estrangeiro e não tenho lugar pra guardar.

JOÃO – O doutor então não podia me dar um tempinho pra arrumar outro lugar?

ZOCA – E deixar meus automóveis na chuva?

JOÃO – Mas doutor, como é que eu vou dar de comer aos meus filhos?

ZOCA – Problema seu. (*Silêncio.*) Está bem. Como é pelos seus filhos, pode ficar lá. Não quero que andem dizendo por aí que eu sou um homem perverso.

JOÃO – (*Dobrando-se quase até o chão em mesuras.*) Muito obrigado, doutor. Eu sabia que o senhor era um homem bom.

ZOCA – Não pensa que é por você não. É pelos seus filhos. Fosse por você eu mandava te pôr pra fora da cidade a pontapé.

JOÃO – Sim senhor, doutor.

ZOCA – Pode ir agora.

JOÃO – (*Saindo de costas, fazendo medidas.*) Muito agradecido, doutor. Deus lhe pague, lhe dê tudo de bom.

ZOCA – Espera aí.

JOÃO – Pois não, doutor.

ZOCA – Limpa o meu sapato.

JOÃO – (*Hesitante.*) O senhor manda, doutor. (*Tira um lenço do bolso e vai limpar o sapato de ZOCA.*)

ZOCA – E já sabe. (*Ameaçador.*) Se eu ouvir alguma queixa de você...

JOÃO – (*De quatro, limpando-lhe os sapatos.*) Sim senhor, doutor.

(*Apaga-se a luz sobre o piso elevado e ilumina-se o CICLISTA. Ouve-se de novo o ruído da chuva.*)

CICLISTA – (*Dando gargalhadas homéricas.*) Ah, ah, ah! Limpando o meu sapato... Ah, ah, ah! Quero ver a cara dele. (*Arremedando.*) “Sim, senhor, doutor. O senhor manda”. Ah, ah, ah!

(*Apaga-se a luz sobre o CICLISTA, cessa o ruído de chuva e ilumina-se o piso elevado. ZOCA está na mesma posição, lendo o jornal. Entra o EMPREGADO.*)

EMPREGADO – Há uma moça querendo ver o senhor.

ZOCA – Será possível que essa gente não me deixa nem ler o jornal?

EMPREGADO – Se o senhor quiser eu dispenso ela.

ZOCA – Não. Afinal de contas é uma mulher. Como é o nome dela?

EMPREGADO – Matilde, senhor.

ZOCA – An! Sei quem é. Manda entrar. (*Empregado sai. ZOCA volta a ler o jornal. Entra MATILDE.*)

MATILDE – (*Animada.*) Oi, Zoca. (*Ele levanta os olhos e a examina de alto a baixo. Olhando em volta.*) Puxa! Que casa bonita que você tem.

ZOCA – Minha senhora, eu sou um homem ocupado. Faça o favor de dizer logo o que quer ir embora.

MATILDE – Eu vim pra te ver, Zoca.

ZOCA – Se era só isso, então já viu. Pode me deixar em paz.

MATILDE – Será possível que você já esqueceu de mim, Zoca? Do nosso amor?

ZOCA – De que que a senhora está falando? Nosso amor? (*Joga o jornal pro lado e levanta-se.*) Então eu ia me rebaixar a amar uma vagabunda como você? Você não se enxerga não, sua puta descarada?

MATILDE – (*Escondendo o rosto, assustada.*) Mas Zoca...

ZOCA – Zoca não. Doutor Zoca.

MATILDE – Não lembra que você me dizia que ia me levar embora daqui? Que a gente ia viver uma vida diferente?

ZOCA – Se eu algum dia disse isso eu devia estar maluco. (*Furioso.*) Então eu ia viver junto com uma piranha como você? Já esqueceu que você é uma piranha? (*Ela cai de joelhos, chorando.*)

MATILDE – Zoca, me perdoa, pelo amor de Deus.

ZOCA – An! Agora pede perdão, né? Agora vem chorar né? Puta descarada!

MATILDE – Perdão, Zoca. Perdão.

ZOCA – Não tem perdão não. O que você fez não tem perdão. Você vai pagar o resto da vida por causa disso.

MATILDE – Me dá outra chance, Zoca. Eu sempre te amei.

ZOCA – Me amou, não é? Agora eu venci, que eu fiquei rico e famoso, você diz que me amou, não é? Piranha!

MATILDE – Eu não queria fazer aquilo. Juro.

ZOCA – Agora é tarde. Agora eu já tenho uma mulher que me ama de verdade. E não é igual a você não. Tem classe. Não é piranha não.

MATILDE – Pelo amor de Deus, Zoca. Eu não posso viver sem você.

ZOCA – Ela me ama de verdade. Acreditou em mim desde o começo. Agora ela tem tudo que você não tem, que você nunca vai ter. (*MATILDE chora desesperadamente. ZOCA vai até o local de entrada.*) Vem cá, rapaz. (*Entra o EMPREGO.*) Bota essa piranha na rua. E que ela nunca mais ponha os pés nessa casa.

EMPREGADA – Pois não, senhor. (*Pega MATILDE e a arrasta pra fora.*)

MATILDE – Não. Não. Zoca, eu te amo. Sempre te amei. Não faz isso comigo.

(*Apaga-se a luz sobre o piso elevado e ilumina-se o CICLISTA. Volta o ruído de chuva.*)

CICLISTA – Puta descarada! Aí que eu quero ver. Vai se arrepender pro resto da vida. Todo dia vai me ver passar com a Menina de Azul e vai chorar lágrimas de sangue. Lágrimas de sangue. Se remorso matasse ela caia mortinha na hora.

(Apaga-se a luz sobre o CICLISTA e ilumina-se o piso elevado. ZOCA está como antes, lendo o jornal. Entra o EMPREGADO.)

EMPREGADO – Está aí um rapaz do Rio querendo falar com o senhor.

ZOCA – Não se pode ter paz mesmo! *(Atira o jornal no chão.)* Quem é?

EMPREGADO – Diz que é o Pedrinho, seu amigo.

ZOCA – Meu amigo? Nem sei quem é esse infeliz. Em todo caso manda entrar. Já perdi o sossego mesmo. *(O EMPREGADO sai e entra PEDRINHO, com a mesma máscara de adolescente.)*

PEDRINHO – Como é que vai, amigão? *(Vai até ele estendendo-lhe a mão mas ZOCA permanece sentado, impassível, examinando-o de alto a baixo. PEDRINHO fica sem saber o que fazer e abaixa a mão.)* Não está se lembrando de mim? Sou o Pedrinho, filho do doutor Raimundo. Não lembra que a gente era amigo?

ZOCA – *(Gritando.)* Zé! *(O EMPREGADO atende prontamente.)*

EMPREGADO – Pois não, doutor.

ZOCA – Acho que esse cara é maluco. É melhor chamar um médico pra examinar ele.

EMPREGADO – O senhor quer que eu bote ele pra fora?

PEDRINHO – *(Assustado.)* Mas o que é isso, Zoca? Sou eu, o Pedrinho. Não lembra? Sou filho do doutor Raimundo.

ZOCA – Que doutor Raimundo.

PEDRINHO – O que te vendeu essa casa. Será possível que você não sabe quem é?

ZOCA – Doutor Raimundo? Hum! É, acho que o nome do antigo dono dessa propriedade era Raimundo. Mas como é que eu vou me lembrar? Quem cuida disso é o meu advogado. Não tenho tempo pra isso não.

PEDRINHO – Lembrou agora?

ZOCA – Isso não interessa. O que que você quer? Comprei essa casa ali no dinheiro. E paguei muito mais do que valia, hem. Que que seu pai ainda quer? Foi ele que te mandou aqui?

PEDRINHO – Não, Zoca.

ZOCA – Doutor Zoca. Por favor.

PEDRINHO – A gente era amigo. Eu vim te cumprimentar.

ZOCA – Não precisa ficar puxando o saco não. Já sei que vai pedir alguma coisa mesmo. Que que você quer? Um emprego?

PEDRINHO – Você não está entendendo, Zoca.

ZOCA – Doutor Zoca. (*PEDRINHO abaixa a cabeça.*) Está bem. Vou fazer o que eu posso. Zé, leva esse pobre diabo lá no advogado. Diz que eu mandei arranjar um empreguinho pra ele.

PEDRINHO – Mas... Mas... Não é isso.

ZOCA – Chega de conversa. Eu quero ler o jornal. Leva ele.

EMPREGADO – (*Puxando-o pelo braço.*) Vamos. Vamos.

PEDRINHO – Mas... Não é isso. (*Saem.*)

(*Apaga-se a luz sobre o piso elevado e ilumina-se o CICLISTA. Volta o ruído da chuva.*)

CICLISTA – (*Dando gargalhadas alucinadas.*) Ah, ah, ah! Um empreguinho! Ah, ah, ah! Diz que eu mandei arranjar um empreguinho pra ele. Ah, ah, ah! (*Arremedando.*) “Não é isso. Não é isso”. Ah, ah, ah! Vou rir muito. Vou morrer de rir. Ah, ah, ah! Eles não sabem quem sou eu. Mas eles vão aprender. Vão se arrepender amargamente. Quando souberem que eu venci, isso já vai ser um tapa na casa. Eles vão ver. Como chove, rapaz. É chuva pesada mesmo. Não vai é ter uma enchente aí e ter que parar a prova. Já imaginou? Não. Isso não acontece. Já está clareando pros lados de lá. Daqui a pouco pára. Mas a chuvinha foi boa. Sempre gostei de chuva. É bom pra gente dormir. Fica aqueles pinguinhos caindo. (*Amargo.*) Foi num dia de chuva assim que eu descobri tudo. Puta descarada! Eu estava correndo pelo meio da praça pra ir pra casa. Então eu vi. Ela estava parada perto do coreto. No começo ainda fiquei em dúvida. Mas quando cheguei perto era ela mesmo. Fiquei empombado com aquilo. Me escondi atrás de uma árvore pra ver o que que ela ia fazer. (*Ilumina-se o piso elevado e um canto do palco. MATILDE, com um guarda-chuva, em atitude de quem espera alguém, está no piso elevado. No canto está ZOCA, adulto, espreitando por trás de uma árvore. O ruído de chuva continua.*) Daqui a pouco apareceu ele. Quem podia imaginar? (*Entra ALFREDO, também com um guarda-chuva, em atitude de quem está preocupado em não ser visto e vai falar com MATILDE. Os dois conversam mas não se ouvem as vozes. Após alguns instantes os dois saem juntos.*) Lá foi ela com o barrigudo filho da puta. Não sei como não saltei no pescoço deles e matei ali na hora. Agüentei as pontas e fui atrás. Queria descobrir logo tudo. Puta descarada! (*ZOCA sai de onde está e sorrateiramente rodeia o piso elevado.*) Entraram numa casinha lá perto da igreja. Eu esperei um pouco, saltei o muro e fui ouvir na janela. Chovia pra danar, mas eu ouvi tudo. (*ZOCA sobre no piso elevado e se põe de cócoras, na posição de quem ouve atrás de uma janela.*) Piranha filha da mãe! (*Apaga-se a luz sobre o CICLISTA. O ruído de chuva continua.*)

MATILDE – (*Fora.*) Só vim porque o senhor disse que tinha uma coisa importante pra me dizer, que era do meu interesse.

ALFREDO – Claro. Mas nós temos muito tempo. Essa chuva ainda demora a passar. Vamos tomar um drink com calma. Depois a gente conversa. Não precisa ter medo de mim não. (*Em tom safado.*) Não morde não.

MATILDE – Não tenho medo do senhor não. Que é isso!

ALFREDO – Me chama de Didinho. É meu apelido em casa. (*Dá uma risada.*) Bebe. Você vai ver como é gostoso.

MATILDE – Hum! Forte.

ALFREDO – Assim que é bom. Esquenta.

MATILDE – Essa casa também é do senhor?

ALFREDO – Não me chama de senhor. Fico me sentindo muito velho. É de um amigo meu. Toma mais.

MATILDE – Isso dá uma quentura.

ALFREDO – (*Dá uma risadinha.*) Não é? Dá até vontade da gente fazer umas coisas, não é?

MATILDE – Que coisas?

ALFREDO – Coisas que padre não gosta. (*Dá outra risadinha.*)

MATILDE – Que isso, Seu Alfredo?

ALFREDO – Didinho.

MATILDE – O senhor é muito saliente. Não sabia que o senhor era assim.

ALFREDO – Por que que você não faz o que eu te peço, (*Excitado.*) hem belezinha?

MATILDE – Iiii! (*Em tom safado.*) Não estou gostando dessa conversa não.

ALFREDO – Que nada. Deixa eu passar a mão aqui. Só um pouquinho.

MATILDE – Não faz, Seu Alfredo. O senhor é tão saliente. Sou uma moça comprometida.

ALFREDO – Só um pouquinho. Ninguém está vendo. Você não gosta?

MATILDE – Que que meu noivo vai dizer?

ALFREDO – Ele nem vai saber.

MATILDE – Não faz, Seu Alfredo. O senhor está me apertando.

ALFREDO – Vem cá, gostozinha.

MATILDE – Ai. Ai não, Seu Alfredo.

ALFREDO – Seu noivo nunca pôs o dedinho aqui?

MATILDE – Não. Ele me respeita muito.

ALFREDO – Que que ele faz com você então?

MATILDE – Nada. Só dá beijinho.

ALFREDO – Onde?

MATILDE – Na boca.

ALFREDO – E aqui nos peitinhos? Ele não faz nada?

MATILDE – Não. Ele não é disso não.

ALFREDO – Não é disso? *(Dá uma gargalhada.)* Então de que que ele é?

MATILDE – É moço respeitador.

ALFREDO – Vai ver que gosta é de homem. *(Ri. MATILDE também dá uma gargalhada.)*

MATILDE – Não fala isso, Seu Alfredo. Ele até que é bonzinho. Vive dizendo que eu sou diferente das outras.

ALFREDO – Você é muito diferente. Você é uma pérola.

MATILDE – Ai. Não faz. Ele diz que quando a gente casar nós vamos embora daqui, que vai me dar uma porção de coisa.

ALFREDO – Eu te dou muito mais. Agora esquece esse sacristão e deixa eu tirar as tuas calcinhas.

MATILDE – *(Dá uma gargalhada.)* Sacristão. O senhor é tão malvado, Seu Alfredo.

ALFREDO – Sou malvado sim. Deixa eu tirar.

MATILDE – Não. Sou moça direita. E depois?

ALFREDO – Eu te dou o que você quiser. Dinheiro. Jóia. Tudo.

MATILDE – Então dá agora.

ALFREDO – Você é espertinha, hem.

MATILDE – Ai eu deixo você fazer tudo que você quiser, Didinho. *(Dá uma gargalhada. A luz se apaga sobre o piso elevado e ilumina-se o CICLISTA. O ruído de chuva cessa, mas MATILDE fica rindo até o CICLISTA falar.)*

CICLISTA – Eu devia ter desconfiado. Uma risada daquelas tinha que ser mesmo é de puta. Como fui burro. Claro que eu não ia fazer sacanagem com ela. Como é que eu ia saber que era puta? Bancava a moça direita. Como é que eu ia saber? Devia ter afundado os tampos dela. Depois largado pra lá. Que fosse pra zona. Eu que não queria saber. Mas o burro não. Pensando que ela era igual a mim. Mas ela me paga. Ainda vai chorar lágrimas de sangue. Lágrimas de sangue. Parou a chuva. Melhor. Também já estava enchendo o saco. Mais um pouco anoitece. Hoje não vou ter sono. Garanto. Vai ser uma moleza a noite. Estou é meio enjoado. Um calor esquisito no estômago. Que será isso? Será que estou doente? Não. Bobagem. Não devo nem pensar nisso. Daqui a pouco passa. O negócio é pensar em outra coisa. Distrair a cabeça. Dona Odete. Ô, mulher! A única mulher que presta naquela cidade. Mulher fina. Também mulher do juiz. Tinha que ser. Ela que eu queria comer. Como é boa, meu Deus. Diziam que já estava velha. Eu não acho. Pra mim estava no ponto. Quando eu vencer ela vai me dar atenção. Tenho certeza. Quero ver a cara daqueles mocos quando souberem que eu estou comendo ela. Que corpo que ela tem.

(Apaga-se a luz sobre o CICLISTA e ilumina-se o piso elevado. SEU JOÃO e SEU ALFREDO estão no local de entrada, cochichando. De vez em quando dão sonoras gargalhadas e uma vez olham de soslaio para ZOCA, que arruma uma caixa de sapatos. A certo momento, ALFREDO e JOÃO se afastam para dar passagem a alguém.)

JOÃO – Pode entrar, Dona Odete. *(Entra ODETE. JOÃO olha para ZOCA e bate palma.)* Atende a Dona Odete. O rapazinho vai lhe atender. Esteja à vontade, por favor. *(ZOCA indica um lugar e ODETE senta-se. JOÃO volta a cochichar com ALFREDO.)*

ODETE – Eu quero experimentar um sapato de saltinho que está lá na vitrine. *(ZOCA permanece no mesmo lugar, olhando para ela abobalhado. Após alguns instantes.)* Um sapato de saltinho, marro, que está na vitrine.

ZOCA – *(Como se acordasse.)* Sim senhora. De saltinho. Sei qual é. *(Hesita.)* Só tem aquele que está na vitrine. Vamos ver se a senhora dá sorte de servir. *(ZOCA passa entre JOÃO e ALFREDO e sai. Volta com um par de sapatos marrom.)* É esse, não é?

ODETE – Esse mesmo. Deixa eu ver. *(ZOCA lhe dá um pé e ela examina. Ele fica olhando para ela. Ilumina-se o CICLISTA.)*

CICLISTA – Aquilo é que é mão. Bonita. Bem tratada. Não é aquelas mãos que parece escama de peixe não. Os dedos finos, compridos. E os olhos dela?

ODETE – Vou experimentar. *(ZOCA pega o sapato, abaixa-se, tira-lhe os sapatos cuidadosamente e coloca os outros. Seus gestos demonstram fascínio.)*

CICLISTA – Quando eu me abaixei vi um pedacinho das coxas. Levei até um estremeção. Aí botei a mão naquelas pernas. Lisinha! Tive vontade de ir suspendendo as mãos até as coxas. Como devem ser macias, gostosas. Aí ela me olhava com aqueles olhos grandes, quase fechando de gozo. *(Arremedando.)* “Vai lá em casa hoje de noite, meu bem. Meu marido foi viajar”. Aí eu beijava aquele joelho, ia metendo a cabeça naquelas coxas. *(A essa altura ZOCA está tentando colocar-lhe o sapato. Ela se abaixa para ajudar.)*

ODETE – *(Puxando uma parte do sapato com o dedo.)* Deixa eu puxar aqui.

ZOCA – *(Olhando-a rapidamente.)* Pode deixar. *(Ela volta à posição inicial.)*

CICLISTA – Quase deu pra ver os peitinhos todo. Aquilo branquinho, lisinho. Mas pelo menos a metade eu vi. Parecia um creme. E a pontinha devia ser vermelhinha, igual morango. Então eu dizia: deixa eu morder esse moranguinho. *(Fazendo os gestos.)* Aí ela abaixava o vestido e aquilo pulava pra fora. Eu segurava com a mão e o outro eu beijava. E ela: *(Arremedando.)* “Como você faz bem. Que prazer me dá. Desde que eu cheguei na cidade eu queria te conhecer. *(ZOCA acabou de calçar os sapatos nela.)*

ODETE – *(Levantando-se.)* Acho que ficaram perfeitos. *(Dá passos de um lado pro outro, experimentando. ZOCA olha.)*

CICLISTA – Aí de noite eu ia na casa dela. A gente ia logo pra cama. Eu ficava deitado e ela nuazinha, com aquele sapato, andando em volta da cama. E me olhando com aquele olhar de desejo. E eu: vem meu bem. Não agüento mais. E ela: *(Arremedando.)* “Não. Quero que você fique com bastante vontade. Assim vai gostar mais”. Depois se jogava em cima de mim. Eu agarrava ela. Chupava todinha. E ela: *(Arremedando.)* “Ah, meu bem. Como você é maravilhoso. Faz. Faz”.

ODETE – Vou ficar com eles. Não estão incomodando nada. Pode embrulhar o velho. Eu vou com ele. Quando é? *(Apaga-se a luz sobre o piso elevado.)*

CICLISTA – Por que que ela não olhava pra mim? Será que ela não via que eu não era igual aqueles lá? Que eu ia amar ela? Não ia ser igual aquele marido brocha? Comigo ela ia ter prazer. Saber o que que é um homem. Por que que ela não ligava pra mim? Mas eu vou vencer. Aí quero ver ela não me olhar. Não vai tirar os olhos de mim. E esse diabo desse estômago que não melhora. Parece até castigo, meu Deus. Está queimando como fogo. *(Pisca os olhos seguidamente e sacode a cabeça.)* Que isso? Estou tendo tonteira? Não. É só impressão. Preciso me controlar. Tenho que tirar as idéias ruins da cabeça. Não posso me deixar levar. Mas as luzes estão piscando outra vez. Será possível, meu Deus? Vai voltar de novo esse inferno? Não. Bobagem. É só um momento mal. Preciso reagir. Mas como eu estou cansado. Parece até que me amarraram. Que agonia, meu Deus. Me proteja, meu Deus. Eu preciso vencer. Tenho que mostrar a eles quem sou eu. Eu não sou igual a eles.

NARRADOR – *(Fora.)* Mas teu estômago continua queimando. Parece que está cheio de brasa.

CICLISTA – É só uma azia. Vai passar logo. Se Deus quiser.

NARRADOR – Não. Não é só uma azia. O fogo vem até a boca. E tua cabeça começou a doer. Parece que vai estourar de tanta dor.

CICLISTA – Vai passar. Eu agüento. Sou forte. Deus vai me ajudar. Eu vou vencer.

NARRADOR – AS luzes voltaram a piscar. Você não pode ficar com os olhos abertos. E o pedal está cada vez mais duro. Você já não tem quase força pra tocar ele.

CICLISTA – Que que está acontecendo? Esse pedal está duro mesmo. Que que tem aí, meu Deus? *(Ouvem-se passos inseguros e ruído de correntes se arrastando. O CICLISTA se enche de pavor.)* Que isso? *(Ilumina-se em algum ponto do palco SEBASTIÃO. Tem as vestes cobertas de sangue e o corpo enrolado em correntes de bicicleta. Caminha, trôpego, em direção ao CICLISTA.)*

SEBASTIÃO – Pára, meu filho. Você está matando seu pai. As correntes estão me esmagando.

CICLISTA – (*Desesperado.*) Sai daí, bêbado maldito. Sai!

SEBASTIÃO – Por que que você quer matar seu pai, meu filho?

CICLISTA – (*Fazendo cada vez mais esforço pra pedalar.*) Eu não quero te matar. Você que não deixa eu pedalar. Sai daí, bêbado desgraçado! (*SEBASTIÃO cai no chão, ao lado da bicicleta e fica se contorcendo.*)

SEBASTIÃO – Pára, meu filho. Pára pelo amor de Deus. Eu só quero o teu bem. Por que que você quer me matar?

CICLISTA – Sai, bêbado imundo! Você que se meteu aí pra me atrapalhar. Você sempre me atrapalhou.

SEBASTIÃO – Eu queria o seu bem.

CICLISTA – Não. Você sempre desgraçou a minha vida.

SEBASTIÃO – Não me mata, filho. Não me mata!

CICLISTA – Sai, maldito! Me ajuda, meu Deus do céu. Eu tenho que vencer. Tira esse bêbado daí. A Menina de Azul. Cadê ela? Me ajuda. (*Ilumina-se a MENINA DE AZUL que caminha para ele, vagarosamente. SEBASTIÃO vai se arrastando para fora, gemendo.*) Você veio. Agora eu estou salvo. Me ajuda, meu amor. Esse bêbado não quer deixar eu pedalar.

MENINA DE AZUL – Eu estou aqui, meu amor. Nós vamos embora pro Rio.

CICLISTA – Vamos. Eu não sou igual a eles. Você sabe disso.

MENINA DE AZUL – Eu sei, meu amor.

CICLISTA – Então faz essas luzes pararem de piscar. Tira esse bêbado daí.

MENINA DE AZUL – Ele já foi, meu amor. Agora você já pode pedalar.

CICLISTA – Mas eu não estou conseguindo. Está duro ainda.

MENINA DE AZUL – Agora você vai poder ser você mesmo.

CICLISTA – Eu tenho que pedalar.

MENINA DE AZUL – Você não é igual a eles. (*Dá a gargalhada de MATILDE.*)

CICLISTA – (*Desesperado.*) Não! Você não é igual a ela. (*Ela continua dando a gargalhada de MATILDE.*) Não. Não. Não! (*Ao fundo surgem JOÃO e ALFREDO que dão gargalhadas, apontando para ele.*) Eu tenho que vencer. Tenho que vencer. Rex. Rex. Meu cachorrinho. Cadê você? (*A MENINA DE AZUL e os outros saem.*) Por que o bêbado te matou? Cadê

meu cachorrinho? Essas luzes estão piscando. Não. Não são as luzes. São as estrelas. As estrelas, meu Deus. Eu estou no meio das estrelas. Que bom! As estrelas. Olha como brilham. *(Cai da bicicleta. Imediatamente JOSÉ corre até ele e procura levantá-lo, sem conseguir.)*

JOSÉ – Levanta, rapaz. Depressa! Senão passa um minuto.

CICLISTA – Levantar pra quê? Já acabou. Eu estou no meio das estrelas. Não está vendo elas piscando? Eu e a Menina de Azul no carro. Ah, ah, ah! Eu venci! Eu não sou igual a eles. Ah, ah, ah! Eu não sou igual a eles!

(BLACK-OUT.)